



Centro Universitário de Brasília - UNICEUB
FSC - FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

O SIGNIFICADO DA MORTE NAS DIFERENTES ETAPAS DA VIDA HUMANA

CELENE VASCONCELOS MELO

BRASÍLIA
JUNHO/2004

CELENE VASCONCELOS MELO

**O SIGNIFICADO DA MORTE NAS DIFERENTES
ETAPAS DA VIDA HUMANA**

Monografia apresentada como parte dos requisitos necessários para conclusão do curso de graduação em Psicologia. Orientadora: Professora Dra. Carlene Maria Dias Tenório.

Brasília/DF, Junho de 2004

RESUMO

De acordo com a bibliografia revisada, ao se deparar com a morte, o homem pode perceber o quanto é frágil e vulnerável e ao perceber o morrer, novas realidades são criadas a partir da finitude do ser. Quando a morte atinge o homem, (dando algum sinal - uma doença grave, por exemplo), ou quando é percebida sua proximidade, a realidade que parecia tão segura a ponto de livrar cada um da morte, é quebrada em pedaços. Considerando a falta de reflexão sobre o tema no cotidiano das pessoas, fazendo com que o morrer apareça como um horizonte longe dos olhos, ao mesmo tempo em que gera um sentimento de angústia, a presente monografia tem como objetivo verificar como o homem percebe a morte e como reage emocionalmente ao conversar sobre o tema, nas diferentes etapas de sua vida. Para isso, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas e seu conteúdo foi analisado segundo o modelo categorial temático proposto por Bardin (1979), sendo desenvolvido todo um processo metodológico nos moldes da investigação qualitativa. Os sujeitos foram selecionados dentro de quatro faixas etárias diferentes, ou seja, foram entrevistados uma criança, um adolescente, um adulto e um idoso. A tendência dos sujeitos estudados nesta pesquisa foi a de relatar uma percepção negativa e um sentimento de angústia diante da morte, além de considerar inoportuno o debate rotineiro sobre o tema. Por outro lado, foram constatadas algumas diferenças entre as percepções dos sujeitos. A avaliação dos relatos referentes ao significado da morte, a percepção da sua própria morte e da morte dos seus familiares mostrou que a criança tem uma tendência a valorizar a vida material, apesar de ter objetivos ligados ao “ter” apresenta um objetivo de vida humanitário. A adolescente acredita que haverá uma continuidade da vida depois da morte, não tendo motivo para ter medo da morte, porém, é contraditória quando diz que teme a morte por não saber o que esta lhe reserva. O adulto apresentou um discurso bastante racional, relatando que a vida possui um ponto final e que provavelmente a existência acaba com a morte. Sua percepção de pós-morte é exemplificada através de relatos céticos e religiosos. A pessoa idosa, com 72 anos, acredita nos princípios religiosos ensinados pelo Catolicismo no que diz respeito à vida após a morte e relata que a morte está próxima, ao considerar o tempo já vivido, demonstrando uma certa naturalidade em lidar com sua própria finitude.

SUMÁRIO

I – INTRODUÇÃO	01
II – DESENVOLVIMENTO	03
1. REVISÃO DA LITERATURA	03
1.1 Dados históricos sobre questão da morte e seu significado	03
1.2 O conceito de vida e morte na sociedade contemporânea	08
1.3 A Filosofia do Ser-Mortal	12
1.4 O medo e a dor diante da morte	17
1.5 O conceito de morte na perspectiva da criança e do adolescente	21
III – METODOLOGIA	27
2.1. Aspectos básicos da Pesquisa Qualitativa	27
2.2. Procedimentos Metodológicos	28
2.2.1. Escolha dos sujeitos	28
2.2.2. Coleta dos dados através de entrevistas semi-estruturadas	29
2.2.3. Análise do conteúdo das entrevistas	29
IV – RESULTADOS	31
V – DISCUSSÃO	43
VI – CONCLUSÃO	47
VII - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
VIII - APÊNDICE I	51
IX - APÊNDICE II	54

INTRODUÇÃO

Desde a mais remota antiguidade, conforme se tem notícias, os homens se preocupam com sua existência. Não só por tudo que o cerca, o homem tem uma curiosidade inata que o permite ir mais longe, quer saber quem é, de onde vem e para onde está caminhando. Além de sua procedência, saber a razão de sua própria existência, este é um dos seus objetivos.

O homem está em constante desenvolvimento e continua questionando sua existência, talvez por não acreditar nas teorias apresentadas ou ainda a falta de uma teoria realmente convincente.

Houve quem duvidasse até que estava vivo e pensava que todas as imagens que pensava ver eram puramente produto de sua fantasia (Sócrates). Outros, ao contrário disseram: “Penso, logo existo” (Descartes). Desde então o homem tem procurado um sentido para as coisas.

Partindo de um desafio pessoal, este trabalho pretende fazer uma reflexão sobre o significado da morte apreendido nos relatos verbais de sujeitos em diferentes faixas etárias.

A temática do trabalho surgiu da própria inquietude da autora em questionar sua própria visão de morte e como as demais pessoas percebem sua finitude. A autora considera ser este um tema importante, porque ao tomar consciência da própria morte, o homem é levado a rever suas prioridades e os valores de sua existência.

A primeira parte desse trabalho consiste de uma revisão da literatura que se divide fundamentalmente em cinco grandes pontos. O primeiro refere-se aos dados históricos sobre a questão da morte e seu significado, fazendo uma abordagem antropológica, histórica e etnográfica sobre a morte. O segundo ponto trata do conceito de vida e de morte na sociedade contemporânea, caracterizando-se pela percepção de morte como um reflexo do aprendizado cultural. Em seguida, o terceiro ponto enfoca a filosofia do ser-mortal que expõe perspectivas de alguns filósofos, considerando a angústia causada pela consciência do devir. O quarto ponto retrata o medo assim a dor diante da morte, um sentimento que o homem não consegue suportar, assim, a idéia da morte é substituída pela negação da morte. Para terminar, a autora faz uma revisão sobre o conceito de morte na perspectiva da criança e do adolescente,

apresentando os estágios do desenvolvimento infantil. Cada estágio possui uma estrutura diferente que possibilita a criança representar certos conceitos sobre a morte.

Maranhão (1998) esclarece que como o nascimento, a morte é um fato natural, ela está presente independente da classe social, cor, idade, cultura, todos os homens se igualam diante do fato, o que diferencia é o significado do fenômeno, de acordo com cada cultura.

Assim como Maranhão, Kastenbau e Aisenberg (1983), esclarecem que o conceito de morte relaciona-se com o comportamento. De acordo com o significado que cada pessoa tem da morte, seu comportamento estará relacionado direto ou positivamente com sua cognição de morte. “Ele chega à conclusão, por exemplo, de que a morte é a porta para a beatitude eterna. Segue-se o suicídio como comportamento relevante. Mas a relação raramente, ou nunca, é simples assim.” (p. 05) Em uma mesma cultura, com os mesmos princípios, portanto com cognições de morte semelhantes podem levar a diferentes comportamentos, bem com comportamentos semelhantes podem ser precedidos por diferentes seqüências de pensamento. Utilizando o exemplo citado por Kastenbau e Aisenberg, outro indivíduo que pense na morte em termos de “beatitude eterna” acredita na necessidade de permanecer vivo de modo a oferecer sua mensagem de esperança e conforto ao próximo. Um terceiro indivíduo comete suicídio sem muito considerar ao prospecto de uma vida pós-morte, como acredita, mas sim, em sua necessidade de escapar de uma realidade existencial insuportável.

Com o intuito de verificar como o homem percebe a morte nas várias etapas de sua vida foram entrevistados quatro sujeitos, uma criança, um adolescente, um adulto e um idoso, e seus relatos foram analisados segundo o modelo categorial temático proposto por Bardin (1979).

Após fazer uma correlação entre o conteúdo dos relatos dos vários sujeitos, foram discutidos os temas abordados e elaborada uma conclusão com base na análise de duas categorias: projeto de vida e percepção de morte, nas quais os diversos temas foram agregados.

DESENVOLVIMENTO

2. REVISÃO DA LITERATURA

1.1 Dados históricos sobre questão da morte e seu significado

J'ordone que pour me pleurer qu'on ne loue point des pleureuses; Ceux de Chimène suffisent, sans autres pleurs achetés¹ (Le Romancero, op. Cit., p. 102)

Desde muito tempo atrás a morte de alguém é vista como um acontecimento que gera intensa dor e tristeza diante da perda ou separação do outro com o qual se tem algum tempo de ligação afetiva. Estes sentimentos sem geral são muito bem manifestado através do luto, que é vivenciado por um período determinado necessário para a cicatrização da ferida e reintegração dos parentes às condições normais de vida.

A visão que se tem da morte nos dias atuais é definida por uma herança que as gerações anteriores e as antigas culturas nos legaram. Portanto para que se possa entender como foi construída a idéia da morte encontrada nos dias de hoje, será feito, um pequeno passeio pela história.

Arqueólogos e antropólogos, através de seus estudos, descobriram que o homem de Neanderthal já se preocupava com seus mortos. O homem de Neanderthal não somente enterrava seus mortos, mas às vezes os reunia na gruta das crianças, perto de Menton. (Morin, 1997)

Segundo Morin (*idem*), ainda na pré-história, os mortos dos povos musterenses eram cobertos por pedras, principalmente sobre o rosto e a cabeça, tanto para proteger o cadáver

¹ “Ordeno que para chorar-me/ Não se alugem carpideiras: basta-me o (pranto) de Chiméne/ Sem outros prantos comprados.” (Trad. Literal – N. do T.)

dos animais, quanto para evitar que retornassem ao mundo dos vivos. Mais tarde eram depositados alimentos e as armas do morto sobre a sepultura de pedras e o esqueleto era pintado com uma substância vermelha.

Para Morin (*idem*), o não abandono dos mortos, implica a sobrevivência deles. Não existe relato de praticamente nenhum grupo arcaico que abandone seus mortos ou que os abandone sem ritos. Ainda hoje, nos planaltos de Madagascar, durante toda a vida, os kiboris constroem uma casa de alvenaria, lugar onde seus corpos deverão permanecer após a morte.

De acordo com Kastenbaum e Aisenberg (1983), os egípcios da antigüidade, em sua sociedade bastante desenvolvida do ponto de vista intelectual e tecnológico, consideravam a morte como uma ocorrência dentro da esfera de ação. Eles possuíam um sistema que tinha como objetivo ensinar cada indivíduo a pensar, sentir e agir em relação à morte.

Estes autores seguem dizendo que os malaios, por viverem em um sistema comunitário intenso, apreciavam a morte de um componente como uma perda do próprio grupo. Desta feita, um trabalho de lamentação coletiva diante da morte era necessário aos sobreviventes. Ademais, a morte era tida não como um processo a ser vivido por toda a comunidade.

Apesar dessa familiaridade com a morte, Aires (2003) considera que os Antigos de Constantinopla mantinham os cemitérios afastados das cidades e das vilas objetivando manter os mortos afastados, de modo que não voltassem para perturbar os vivos. Por outro lado, na Idade Média, os cemitérios cristãos localizavam-se no interior e ao redor das igrejas e a palavra *cemiterium* significava lugar onde se deixa enterrar. Desse ritual se originam as valas cheias de ossadas sobrepostas e expostas ao redor das igrejas, tão comuns nas igrejas barrocas.

Na primeira metade da Idade Média, foi fixado um ritual da morte a partir de elementos antigos e em seguida submetido a grandes mudanças, principalmente nas classes superiores. Aires (*op.cit*) descreve como é este ritual que diz, primeiramente, como se deve morrer. No início acontece o pressentimento, tempo de lamento da vida e tempo para pedir perdão à Deus e aos próximos. Após a morte, iniciam-se as cerimônias do pós-morte, que constavam de quatro partes. A primeira, a mais espetacular e a única dramática em todo o ritual de morte, era o luto. A segunda, a única religiosa, era uma repetição da absolvição dita perante o doente enquanto ainda vivia. A terceira era o cortejo e finalizando com o enterro, propriamente dito.

Segundo Aires (2003), tudo leva a crer que esse ritual era comum aos ricos e aos pobres. Pelo que se supõe com bases nos poemas de cavalaria ou nas esculturas da Idade Média, encontrando-se também nos registros de enterros nos séculos XVII e XIX.

A Idade Média foi um momento de crise social intensa, que acabou por marcar uma mudança radical na maneira do homem lidar com a morte. Aires (*ibidem*) faz a relação onde toda a Idade Média, mesmo em seu final, vivia uma certa familiaridade com a morte e com os mortos. Por outro lado, no fim do século XVII, assim como o ato sexual, houve uma ruptura ao mesmo tempo atraente e terrível da familiaridade quotidiana, apresentando uma grande mudança nas relações entre o homem e a morte.

Kastenbaum e Aisenberg (1983) relatam que a sociedade do século XIV foi assolada pela peste, pela fome, pelas cruzadas, pela inquisição; uma série de eventos provocadores da morte em massa. A total falta de controle sobre os eventos sociais, teve seu reflexo também na morte, que não podia mais ser controlada magicamente como em tempos anteriores. Ao contrário, a morte passou a viver lado a lado com o homem como uma constante ameaça a perseguir e pegar a todos de surpresa.

Esta situação produziu mudanças não somente no mundo imaginário daquela época, ela atingiu também os fatos deliberados, existindo um vínculo entre duas idéias, medo de ser enterrado vivo e a ameaça de morte iminente. Aires (2003) explica que o caos vivido naquela época produzia.

(...) um estado muito diferente do nosso atual estado de coma, era um estado de insensibilidade que se assemelhava tanto à morte quanto à vida. Vida e morte eram então igualmente aparentes e inconfundíveis. Estes surgem nos testamentos da segunda metade do século XVII e durante até a metade do século XIX.(p.157)

Este descontrole, trouxe à consciência do homem daquela época, o temor da morte. A partir daí, uma série de conteúdos negativos começam a ser associados à morte: conteúdos perversos, macabros, bem como torturas e flagelos passam a se relacionar com a morte, provocando um total estranhamento do homem diante deste evento tão perturbador. A morte se personifica como algo terrível, e uma série de imagens artísticas se consagram como verdadeiros símbolos da morte, atravessando o tempo até os dias de hoje.

Ariés (2003) ao procurar observar a atitude do homem diante da morte, sob o ponto de vista histórico e sociológico, encontrou uma grande diversidade de comportamento, conforme o período histórico e o povo pesquisado. Ele aponta várias transformações na conduta humana diante da morte que a princípio eram excluídas e no decorrer do tempo passou a ser aceita e previsível.

De acordo com este mesmo autor, a partir do século XII, havia maior dramaticidade e individualidade na maneira de considerar a morte, era a época das expressões macabras. No século das Luzes, a morte começou a ser colorida com matizes românticas. A partir da segunda metade do século XX, toda referência ao tema era camuflada. A morte devia ser escondida; foi banida do espaço familiar para as instituições hospitalares. Os povos antigos temiam a vizinhança dos mortos e os mantinham a distância. No entanto veneravam as sepulturas, em parte porque temiam a volta dos mortos.

Além dos relatos históricos supracitados, a percepção de morte pode ser diferenciada de acordo com a filosofia ou religião que se propões, esclarecer o fenômeno. Os exemplos de diferentes culturas trazem uma idéia de continuidade da vida mesmo depois da morte, não sendo esta, considerada como um fim em si. Pode se perceber uma certa tentativa de controle mágico sobre a morte ou sua aceitação incondicional, o que facilita sua integração psicológica, não havendo, portanto, uma cisão abrupta entre vida e morte. Isto, sem dúvida, aproxima o homem da morte com menos terror.

O budismo, através da sua mitologia, busca afirmar a inevitabilidade da morte. A doutrina budista cita a Parábola do Grão de Mostarda: uma mulher com o filho morto nos braços, procura Buda e suplica que o faça reviver. Buda pede à mulher que consiga alguns grãos de mostarda para fazê-lo reviver. No entanto, a mulher deveria conseguir estes grãos em uma casa onde nunca houvesse ocorrido a morte de alguém. Obviamente esta casa não foi encontrada e a mulher compreendeu que teria que contar sempre com a morte. (Mircea Elíade, 1987)

Na mitologia hindu, a morte é encarada como uma válvula de escape para o controle demográfico. Considerando esta teoria, quando a Mãe-Terra torna-se sobrecarregada de pessoas vivas, ela apela ao deus Brahma que envia, então, a mulher de vermelho (que representa a morte na mitologia ocidental) para levar pessoas, aliviando assim, os recursos naturais e a sobrecarga populacional da Mãe-Terra. (Mircea Elíade, 1987)

Segundo Mircea Elíade (1987) os fino-úgricos (povos da região da Península de Kola e da Sibéria Ocidental), têm sua religiosidade profundamente vinculada ao xamanismo. Os mortos destes povos eram enterrados em covas familiares, onde os que morreram há mais tempo, recebiam os recém mortos. Assim, as famílias eram constituídas tanto pelos vivos quanto pelos mortos.

Desde a antigüidade o homem utilizou-se de rituais para a simbolização da morte. Os cultos, as vestes brancas, vestes pretas, o luto, o velório, as novenas, jardins, enterros, cemitérios, crematórios; todos esses rituais em diferentes povos e épocas, sejam

manifestações de alegria, tristeza, medo, horror, encontros e desencontros asseguram, ainda nos dias de hoje, que o homem possua sua própria percepção de morte, de acordo com sua percepção de mundo.

Kübler-Ross (1997) descreve que são cada vez mais intensas e velozes as mudanças sociais, expressas pelos avanços tecnológicos. O homem tem se tornado cada vez mais individualista, preocupando-se menos com os problemas da comunidade. Essas mudanças têm seu impacto na maneira pela qual o homem lida com a morte nos dias atuais.

Na opinião deste autor, o homem da atualidade convive com a idéia de que uma bomba pode cair do céu a qualquer momento. Não é de se surpreender portanto que o homem, diante de tanto descontrole sobre a vida, tente se defender psiquicamente, de forma cada vez mais intensa contra a morte. "Diminuindo a cada dia sua capacidade de defesa física, atuam de várias maneiras suas defesas psicológicas" (Kübler-Ross, 1997, P. 52)

A possibilidade de escolha deu lugar a uma crescente perda da dignidade ao morrer, como nos afirma Kübler-Ross (*idem*): "... já vão longe os dias em que era permitido a um homem morrer em paz e dignamente em seu próprio lar." (p.85) O médico não aceita que seu paciente morra e, se entrar no campo em que se confessa a impotência médica, a tentação de chamar a ambulância (para se livrar do caso) virá antes da idéia de acompanhar o paciente em sua casa, até o fim da vida.

A morte natural deu lugar à morte monitorada e às tentativas de reanimação. Muitas vezes, o paciente nem é consultado quanto ao que deseja que se tente para aliviá-lo. A medicalização da morte e os cuidados paliativos, não raro, servem apenas para prolongar o sofrimento do paciente e de sua família. É muito importante que as equipes médicas aprendam a distinguir cuidados paliativos e conforto ao paciente que está morrendo, de um simples prolongamento da vida. (Kübler-Ross, 1997)

Scheler (1993) discorre sobre a questão da morte no Ocidente, argumentando que essa se tornou uma impropriedade, ou seja, a morte é percebida como a morte dos outros, ou a morte das pessoas, mas não a minha própria morte.

(...) o homem moderno não se detém por muito tempo diante da sobrevivência sobretudo porque, no fundo, nega a essência e o ser da morte". No ocidente fomos educados pelas tradições científica, capitalista e filósofo-mecanicista a compreender a morte como morte dos outros, catástrofe, fenômeno externo. A morte é um fenômeno absoluto de interioridade e integridade da pessoa. Nada dela escapa. A morte se dá por completo, corpo e alma. (p.102)

1.2 O conceito de vida e morte na sociedade contemporânea

“... morrer. Mas não sem antes ter vivido. Mas não sem antes ter amado”. Jean-Yves Leloup

O tema da morte tornou-se um interdito no século XX, sendo banido da comunicação entre as pessoas. Paradoxalmente, a morte no início do século XXI está cada vez mais próxima das pessoas, em função, principalmente, da violência urbana, das guerras e do desenvolvimento das telecomunicações. A TV, especialmente, introduz, em milhões de lares, cenas de morte, de guerras, de violência, de acidentes e doenças, sem nenhuma possibilidade de elaboração, dada o ritmo propositalmente acelerado desse veículo. O que é notório é que apesar da forma clara e veloz com que o homem toma conhecimento sobre a morte, através dos meios de comunicação, o assunto não é levantado como um fato inerente à vida. (Morin, 1997)

Segundo Maranhão (1998), atualmente, existe a preocupação de iniciar as crianças desde muito cedo nos “mistérios da vida”: mecanismo do sexo, concepção, nascimento e também nos métodos de contracepção. Porém, se oculta sistematicamente das crianças a morte e os mortos, guardando silêncio diante de suas interrogações, da mesma maneira que se fazia antes quando a questão era referente à concepção e nascimentos dos bebês, “ Quando se surpreendem com o desaparecimento do avô, alguém lhes diz: ‘Vovô foi fazer uma longa viagem’(...)” (p.10)

À medida que a interdição em torno do sexo foi se relaxando, a morte foi se tornando um tema proibido. A obscenidade não encontra mais espaço nas alusões às coisas referentes ao início da vida, mas sim aos fatos relacionados com o seu fim. Ao mesmo tempo em que é proibida, a morte torna-se companheira evasiva e sem limites e, embora esteja tão próxima (real ou simbolicamente), reina uma conspiração do silêncio. O que se percebe é um tabu que vem certamente com uma rigorosa proibição quanto aos questionamentos no que diz respeito à morte. Não só a própria morte, mas principalmente a do outro. Quando é necessário fazer alusões a ela, recorre-se a eufemismos que ajudam a disfarçá-la, procurando assim, encobrir o fenômeno ou mesmo evitá-lo.(Maranhão, 1998)

A importância de focar o tema da morte está ligada ao fato que, ao falar desta, está se falando de vida e, ao falar de vida, é inegável que a qualidade da mesma seja revista. Morin (1997) esclarece que essa qualidade de vida vem decaindo, em parte, pelo lugar ao qual a

morte foi relegada no século XX: do interdito, do vergonhoso, do oculto, sendo considerada uma inimiga a ser vencida a qualquer custo. E, paradoxalmente, quanto mais o homem moderno nega a morte, mais esta parece fazer-se presente através da violência urbana, do crescimento dos números de pessoas portadoras do HIV, do suicídio, das guerras.

Morin (1997) considera que com o avanço das tecnologias médicas, muitas doenças puderam ser eliminadas, outras, que já foram fatais, hoje não são mais, ocorrendo um prolongamento da vida. Entretanto, mesmo com a sofisticação dos tratamentos, ainda são muito freqüentes estes virem acompanhados de intenso sofrimento, fazendo com que os profissionais da área de saúde tenham que viver situações de intenso sofrimento e processos de morte prolongados.

Maranhão (1998) observa uma negação da morte e de tudo que está associado ao nada. *(...) não satisfeita em privar o indivíduo de sua agonia, de seu luto e da nítida consciência da morte, de impor à morte um tabu, de marginalizar socialmente o moribundo, de esvaziar todo o conteúdo semântico dos ritos fanáticos, a sociedade mercantil vai além, ao transformar a morte num resíduo irreconhecível. Ela já não é mais um destino. O que existe é a sua relação negativa com o sistema de produção, de troca e de consumo de mercadorias. É o estado de não-produção, de não-consumação. Ao negar a experiência da morte e do morrer, a sociedade realiza a coisificação do homem.(p. 10)*

Este mesmo autor fala ainda que a negação da mortalidade pessoal se dá de várias formas, uma delas consiste em considerá-la como algo impessoal, “anônima”, que atinge a todos, porém a ninguém em particular. Isto explica a indiferença com que as pessoas lidam com as notícias de morte de inúmeras pessoas pela guerra, fome e outras violências. É um fato distante, o que permite a ilusão de que não irá acontecer com alguém próximo, acreditando na própria invulnerabilidade e imortalidade. Outra maneira de banir a idéia de morte da consciência é reduzi-la a um “acidente”, algo que decorre de uma falha humana: atraso da ciência, imperícia do médico, ocorrência de um fator externo e aleatório.

“Na morte de um ente próximo, é explícita a necessidade de explicá-la por uma causa particular (‘de que morreu?’) ou por uma agressão exterior (‘ele poderia muito bem não ter morrido se...’). A morte acaba sendo equiparada a uma doença que o homem teria o poder de eliminar.” (Maranhão, 1998 p. 65)

Para Kastenbau e Aisenberg, pelo menos duas formas de concepção da morte deveriam ser distinguidas. A primeira delas é a morte do outro. Há razão para crer que a

cognição “Você está morto” desenvolve-se mais rapidamente que a introvertida “Eu morrerei”. (1983, p.8)

Considerando o que diz Kastenbau e Aisenberg, as duas formas de concepção de morte podem ser assim consideradas:

“Você está morto”

1. *Você está ausente.*
2. *A separação não tem limites. (p. 8)*

“Eu morrerei”

Essa afirmação pressupõe que o indivíduo desenvolveu uma razoável constelação de conceitos abstratos. O conjunto que oferecemos a seguir não pretende esgotá-la. A sentença “eu morrerei” implica:

1. *Eu sou um indivíduo com vida própria, uma existência pessoal.*
2. *Pertenço à classe de indivíduos dos quais um dos atributos é a mortalidade.*
3. *Usando o processo intelectual da dedução lógica, chego à conclusão de que minha morte pessoal é uma certeza.*
4. *Há muitas causas possíveis de minha morte e elas operam sob muitas condições diferentes. Embora eu possa me esquivar ou fugir de uma causa particular, não posso escapar de todas as causas.*
5. *Minha morte ocorrerá no futuro. Por futuro, entendo um tempo de vida que ainda não transcorreu.*
6. *Mas não sei quando no futuro minha morte acontecerá. O evento é certo; a hora, incerta.*
7. *A morte é um evento final. Minha vida termina. Isto significa que nunca mais sentirei, pensarei ou agirei, pelo menos com um ser humano nesta terra.*
8. *Assim sendo, a morte é a derradeira separação entre mim e o mundo. (p.8)*

Henezel e Leloup (1999) afirmam que poderia ser mais fácil suportar a morte sem pensar nela do que suportar o pensamento da morte sem morrer. A idéia de que se possa viver com ela e abordá-la de forma consciente e tranqüila no dia de sua chegada são idéias paradoxais. Ter a plena consciência que este dia é apenas um dia a menos na sua vida e que o homem é mortal pode trazer incômodo ao indivíduo, mas essa vivência atribui à vida seu peso de sentido e seu valor, evitando a angústia que traz a negação da morte. Apesar da notória necessidade de evitar a negação da morte, o mundo contemporâneo não ensina a morrer, tudo

é feito para esconder a morte e induzir o homem a viver sem pensar na morte, voltado para objetivos a serem alcançados e apoiados em valores de efetividade.

Para Hennezel e Leloup (1999) a valorização pelo ato, de “fazer” e de “ter” aumenta cada vez mais, em uma corrida em busca de uma felicidade material a respeito da qual, mais cedo ou mais tarde, será percebida como insuficiente para conferir um sentido às nossas existências. A cultura da necessidade de consumismo, exige uma crescente ambição por “ter”, ficando em segundo plano o “ser”.

Kubler-Ross (1975) esclarece que os pontos de vista sobre a morte, seu reflexo do aprendizado cultural, o modo pelo qual uma sociedade ou subcultura explica a morte, tem significativo impacto sobre o modo através do qual seus membros vêm e experimentam a vida.

Para os Trukeses², aos quarenta anos de idade começa a morte. Os habitantes das Ilhas Truk são considerados como uma sociedade que ratifica a morte. Nesta sociedade não é considerado adulto até que alcance a idade de quarenta anos. Em Truk, vive-se basicamente de fruta-pão e peixe. Quando os Trukeses chegam mais ou menos aos 40 anos, sua força começa a declinar; também já não sobem em árvores tão bem como antes. E quando suas forças começam a decair, eles sentem que sua vida declina e começam a prepara-se para morrer. (Kubler-Ross, 1975)

Para Kastenbau e Ainsenberg (1983) o conceito de morte relaciona-se com o comportamento, de acordo com o significado que cada pessoa tem da morte, seu comportamento estará relacionado direto ou positivamente com sua cognição de morte. Dessa forma, chega à seguinte conclusão:

(...) a morte é a porta para a beatitude eterna. Segue-se o suicídio como comportamento relevante. Mas a relação raramente, ou nunca, é simples assim”. Em uma mesma cultura, com os mesmos princípios, portanto com cognições de morte semelhantes podem levar a diferentes comportamentos, bem com comportamentos semelhantes podem ser precedidos por diferentes seqüências de pensamento. (p.05)

Utilizando o exemplo citado por Kastenbau e Ainsenberg (1983), um indivíduo que tem a morte como “beatitude eterna”, acredita na necessidade de permanecer vivo com o objetivo de oferecer sua mensagem de esperança e conforto ao próximo. Outro indivíduo comete suicídio sem muito considerar uma vida pós-morte, como acredita, mas sim, em sua necessidade de escapar de uma realidade existencial insuportável.

² Das ilhas Truk, no Pacífico.

Ainda segundo estes teóricos (op. cit.) o conceito de morte é sempre relativo, enfatizando sua relatividade em nível de desenvolvimento. Nível de desenvolvimento não significa necessariamente idade cronológica do indivíduo, embora a idade cronológica forneça pistas importantes para se conhecer a maneira de pensar de uma pessoa.

1.3 A Filosofia do Ser-Mortal

*“Mais il était une unique pensée,
Um seul songe effrayant
Qui s’avançait terrible aux tables de la joie Et
couvrait les esprits dès ombrs de l’effroi...
C’était la Mort, jetant aux festins du bonheur
Angoisse et larmes de douleur.”³ Novalis*

Segundo Françoise (2002), a filosofia somente surge como forma cultural determinada, a partir do momento em que a ligação entre o visível e o invisível, os vivos e os mortos não é mais clara e que a ruptura entre a morte e a vida parece intransponível.

A tentativa de elucidar o significado da morte que constitui uma das tarefas centrais de alguns dos principais sistemas de pensamento filosóficos, Platão *apud* Maranhão (1998) afirmava que “a filosofia não é, senão, uma meditação da morte, *meditatio mortis*.” (p. 62) Mais tarde, Santayana *apud* Maranhão (1998) disse que “uma boa maneira de provar o valor de uma filosofia é perguntar o que ela pensa à respeito da morte”. (p. 62)

Epicuro (270 a.C., *apud* Maranhão, 1998), diante da impossibilidade de representar a própria morte, fundamentou a tese segundo a qual defende que

(...) jamais nos encontraremos frente a frente com a nossa própria morte. Considerando que enquanto nós estivermos presentes ela estará ausente, restando-nos apenas especulação do que seria a própria morte, não existindo o fenômeno. Quando ela estiver presente, então seremos nós que estarmos ausente.(p.66)

Diante da impossibilidade de viver o fenômeno de morte, Epicuro acrescenta que “só temos que nos ocupar com esta vida. O problema da vida é passá-la o mais agradavelmente possível, visto que ‘a morte não é nada para nós’”. (270 a.C., *apud* Maranhão, 1998)

³ “Mas era um único pensamento, / Um único sonho aterrador/ Que se aproximava, terrível, das cenas de alegria/ E cobria os espíritos com as sombras do medo.../ Era a morte semeando nos festins da felicidade/ Angústia e lágrimas de dor.” (Hinos à noite, Novalis)

Kastenbau e Ainsenberg (1983) esclarecem que como a percepção de morte não é tão simples como Epícuro defendia, a mesma pode influenciar no comportamento de muitos modos complexos e remotos. Padrões de comportamento que aparentemente não se vinculam com a morte, podem ser influenciados pela concepção de morte que a pessoa venha a ter. “Insônia, por exemplo, ou pânico em virtude da separação temporária de um ser querido às vezes podem ter origem em preocupações com a morte”.(p. 05)

Maranhão (1998) considera a morte como sendo um substrato fundamental para o pensamento filosófico. “Uma filosofia não se reveste de uma total seriedade enquanto não pensar, inclusive, que sem a morte o homem talvez jamais tivesse começado a filosofar”. (p.62)

A filosofia apresenta-se, então, como a tentativa de assumir situação extrema que é a morte, ultrapassando-a em um transcendentalismo a um só tempo fundamentado e vago. Sem pretender retrair as grandes linhas do que poderia ser uma história filosófica da morte, é válido consultar algumas perspectivas de alguns filósofos.

Para Kierkegaard, a existência humana não pode ser explicada através de conceitos, de esquemas abstratos, o sistema é abstrato e a realidade é concreta. Penha (2001) descreve que a realidade da qual os indivíduos têm maior conhecimento é sua própria realidade, a única que interessa de fato, e essa seria a percepção de Kierkegaard.

Só a realidade singular, concreta interessa, e apenas esta o indivíduo pode conhecer. Só podemos nos apropriar da realidade subjetivamente. “A subjetividade é a verdade, a subjetividade é a realidade”. (Kierkegaard, *apud* Penha, 2001 p. 16). O universal, diz, não passa de mera abstração do singular. O pensamento abstrato só compreende o concreto abstratamente, enquanto que o pensamento centrado no indivíduo busca compreender concretamente o abstrato, apreende-lo em sua singularidade, capta-lo em sua manifestação subjetiva.

Diante do exposto, Penha (2001) esclarece que o indivíduo jamais pode ser percebido no anonimato, no impessoal. Toda a bagagem de conhecimento do indivíduo está ligada à sua existência, à subjetividade, nunca ao abstrato, ao racional, pois se assim proceder fracassará no intento de penetrar no sentido profundo das coisas, logo, de atingir a verdade. Acrescenta ainda que “o homem é espírito, é a síntese de finito e infinito, de temporal e eterno, de liberdade e necessidade.” (p. 17)

Kierkegaard divide a existência humana em três estágios: o estético, o ético e o religioso. No primeiro estágio, o indivíduo vive sob o signo da escolha, conceito que ocupará lugar de destaque na doutrina existencialista. Permanecer indefinidamente no estágio estético

é condenar-se à total depravação. Em vez de libertar-se, mais o homem se aprisiona numa existência vazia. (Penha, 2001)

É através do desespero causado pelo vazio que o homem alcança o estágio seguinte, o ético, pois só assim abandonará as experiências dissipadoras e a atitude passiva diante da realidade. Descobrirá, no entanto, que não pode ignorar as exigências do mundo exterior, com suas normas e convenções. Se as exigências da ética conscientizam o indivíduo de suas falhas, não conseguem, contudo, proporcionar-lhe a existência pela qual anseia. Esta ele só encontrará no estágio religioso, a fase culminante do desenvolvimento existencial. (Penha, op. cit.)

Só o indivíduo pode ou não decidir se dará um salto para um estágio mais elevado de existência. Para Kierkegaard, toda transformação é um renascimento e todo renascimento é também uma morte. Sai-se de um estágio para outro. A pessoa decide se quer ou não ir adiante, e o medo do novo traz a angústia. “A angústia é a possibilidade de liberdade: somente a angústia, através da fé, tem a capacidade de formar, enquanto destrói todas as finitudes”.(Kierkegaard, apud Penha, 2001, p. 27) A angústia é considerada o puro sentimento do possível, é o sentido de não devir.

A morte, assim concebida por Heidegger, é a última situação-limite do homem. O *Dasein* é um “Ser-para-o-fim” (Sein-zum-Ende), fundamentalmente um “Ser-para-a-morte” (Sein-zum-Tode). Se a morte, com termo da vida, só ocorre uma vez, o sentimento de “Sermos-para-a-morte”, contudo o experimentamos permanentemente, diariamente, minuto a minuto. Na expressão de Max Sheller (1874 – 1928 apud Penha 2001p. 34), o homem é o precursor de certas teses existencialistas, seres acercados pela morte.

A morte é um importante tema para Heidegger. Ele acreditava que todos têm a consciência da morte e a de que essa morte ocorre apenas uma vez, isso leva o homem a viver um sentimento de “espera da morte”. O fim, destino, curso e sentido da vida é a morte para os indivíduos.

Segundo Heidegger, (apud Penha, 2001) a morte é o termo final para planos os planos do homem. Ele está na dependência da morte para tudo, já que ela é imprevisível e invencível. Para Heidegger, as pessoas fogem para uma existência sem autenticidade para esquivar da angústia da morte. Mas somente sofrendo essa angústia, o homem será autêntico e atingirá a sua plenitude existencial.

É na morte, diz Heidegger (apud Penha, 2001), como possibilidade final da existência, como fim para o qual o *Dasein* se dirige, que o homem se totaliza. Ela não é o fim da

existência humana, entendida a palavra com sinônimo de chegada, término de uma jornada. O ser projeto é apenas o ser para a morte.

Giles (1989) destaca que a análise da morte talvez seja a mais importante das interpretações que Heidegger faz do Ser-aí. É, de certo modo, a pedra angular de suas análises, pois qualquer tentativa para considerar a existência como um todo leva ao fato da morte, que conclui essa existência. A morte não é um ponto final da existência e, sim, um elemento do processo vital, já que desde o primeiro instante da concepção o Indivíduo pode morrer.

A morte não é o fim da vida humana no sentido de ser o fim de um caminho que pode ser alcançado no termo de um trajeto. Ao final de um itinerário ainda existimos, permanecemos vivos, temos a consciência de haver concluído algo. Mas quando vem a morte, já não existo mais e, assim, não há uma jornada propriamente dita que possa afirmar ter acabado. E mais ainda, ao chegarmos a metade da jornada, só atingiremos o fim se percorrida a metade restante, só podemos chegar até o fim da vida humana, no sentido de que pode termina de repente, a qualquer momento a minha existência. (Penha, 2001)

Em princípio, a morte nos parece algo exterior, fora do controle, que sem avisar nos aniquila. Todo projeto humano, dessa forma, está na dependência da morte. “A morte é o termo final de nossos projetos”. (Heidegger *apud* Penha, 2001 p. 34)

A experiência mais pessoal, intransferível é a morte. Não é possível experimentar a morte alheia, ou mesmo experimentar a nossa própria morte, considerando ser uma experiência única. Por maior que seja nosso sofrimento face à agonia da morte de outro, essa morte não é a nossa morte. A morte é o aniquilamento do eu, o extermínio total do indivíduo.

“Diante da exterioridade, da imprevisibilidade da morte e de defrontar o desconhecido, nos inquietamos, nos assustamos, sabendo-se um ‘Ser-para-a-morte’, evitando assumir a realidade que ela representa, o Dasein refugia-se numa existência inautêntica. Dessa maneira o indivíduo procura fugir à angústia da morte.” (Penha, 2001 p. 34)

Segundo Giles (1989) o impessoal transforma a morte num fato, numa ocorrência quase banal. Os ritos e cerimônias que acompanham a morte têm por finalidade transformá-la num acontecimento público e anônimo e pela impessoalidade da morte, a mesma é apresentada com algo que acontece a todo mundo e, pelo próprio fato, não acontece a ninguém. O impessoal não somente torna a morte algo que acontece aos outros, mas também algo que acontecerá em outro tempo, mais tarde, levando o Ser-aí a fazer afirmações tais como: “é certo que a morte vem a cada homem” (p. 106), mas subentende-se que não vem agora para ele. Insiste, assim, em pensar na morte com o fim de uma jornada e imagina

sempre que uma grande parte do caminho está ainda à sua frente. Porém, a morte não é um fato determinado e “agendado”, e sim, uma possibilidade, sendo possível a qualquer momento.

Mas o homem, adverte Heidegger, só atinge a plenitude de seu ser na angústia. Através da angústia ante o nada, conduz o homem à existência autêntica, faz com que o *Dasein* atinja sua *Existenz*. Para isso, é necessário que indivíduo interiorize o pensamento da morte, compreendendo que não é apenas mortal, fato de que todos têm consciência, e sim que a morte é o acontecimento último de sua vida. A verdade fundamental acerca do Ser-aí é que deve morrer. Veio do nada e, dentro em breve, voltará ao nada. O pano de fundo sobre o qual o drama da existência do Ser-aí se desenvolve é o vazio. A última dimensão do predicamento do Ser-aí é o nada. (Penha, 2001)

Giles (1989) esclarece ainda que a morte, enquanto fim da existência no sentido autêntico de fim, sempre está presente na existência humana. Mas a morte, uma vez entendida realmente como essa possibilidade, leva o Ser-aí a toma o primeiro passo em direção a uma existência autêntica. Defrontando a morte como possível a qualquer momento, o Ser-aí é retirado do contexto da vida banal e restaurado a si mesmo como aquele que deve e que pode enfrentar-se com a morte sem máscaras.

Acrescenta Françoise (2002) que é esse estranho conhecimento de seu próprio fim que cada um tem com certeza, e que não é semelhante a nenhum outro saber. Assim, torna-se possível um discurso não sobre a morte, mas sobre a relação que o indivíduo mantém com sua própria mortalidade. Ainda segundo Françoise (*idem*), esse discurso, é propriamente fenomenológico, já que é um discurso sobre o *apresentar-se a si mesmo* do caráter findo de sua própria existência.

Vale lembrar que o discurso fenomenológico não promove nenhuma visão médica, indicação de superação da morte, a fenomenologia propõe a questão da essência daquilo que aparece, a descrever a maneira pela qual o ser humano se relaciona com sua própria morte, subjetivando e considerando a relatividade de todas as crenças e idéias naturais e culturais do homem. Entretanto, segundo Françoise (*op. cit*), a morte, com efeito, não se “apresenta em pessoa”, no mundo, e nenhum olhar jamais chegará a distinguir nela sua forma. Por conseguinte, a morte não pode jamais constituir a “própria coisa”.

Assim, a morte é analisada através de uma análise fenomenológica do outro que não aparece como tal, a não ser de maneira indireta, e a respeito da qual Husserl (*apud* Françoise, 2002, p. 60) ensina que ela é, no entanto, percebida. A percepção citada por Husserl não é a visível, mas a invisível, da qual ela é a antecipação necessária, como é o caso de tudo o que

não está visível atualmente, mas pode assim tornar-se ulteriormente ou não, ou ainda a experiência do outro cujas vivências jamais serão acessíveis às vistas.

A morte, paradoxalmente apresenta essa invisibilidade absoluta, no entanto, é em sua irreabilidade, mais presente do que as coisas da vida real.

Françoise (2002) ressalta que o que torna possível um discurso fenomenológico sobre a morte é a pura experiência da iminência da supressão do existir e não tenta conferir à morte um sentido, integrando-a a uma transcendência que a relativizaria.

Como explica Merleau-Ponty (*apud* Françoise, 2002), a compreensão da mortalidade como finitude constitutiva da abertura para o mundo, de uma finitude operante, é ao mesmo tempo uma compreensão do nascimento como capacidade finita de ter um mundo.

1.4 O medo e a dor diante da morte

*“Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é.”
Caetano Veloso*

Conforme já foi dito anteriormente, a morte em diversas culturas e em épocas diferentes foi abominada pelo homem. A morte ainda constitui um acontecimento pavoroso nos dias de hoje. É considerada um tabu, causadora de medo, pânico, e negação. A morte, além de gerar uma grande angústia, coloca o homem diante da questão de sua própria finitude.

Considerando a sociedade contemporânea, a vida humana é reafirmada através da confirmação de suas potencialidades, o homem de grandes realizações, de grandes construções e feitos extraordinários, ao mesmo tempo em que alimenta a sua auto-estima e conseqüentemente a vida, coloca a morte num lugar distante. A idéia de narcisismo permite ao homem o "status" de semi-deus, para este quem morre é o outro, o colega, o vizinho.

Segundo Maranhão (1998, p.66), o pensamento da morte “não corresponde à imagem de nossa própria morte; a imagem de nossa morte escapa à nossa capacidade de representação”. Sempre que o homem tenta, imaginativamente, se ver como morto jamais consegue eliminar o seu “eu”, visto que ele permanece precisamente como expectador. De forma paradoxal, para se imaginar morto é preciso estar vivo.

Kubler-Ross (1991) defende a idéia de que uma das razões para se querer fugir da morte, é que, hoje em dia, morrer é solitário, mecânico e desumano. As pessoas são

removidas de suas casas para hospitais e a família acaba por afastar-se do enfermo, que fica cada vez mais desamparado e triste. Em suas palavras:

(...) quando um paciente está gravemente enfermo, em geral é tratado como alguém sem direito a opinar. Quase sempre é outra pessoa quem decide sobre se, quando e onde o paciente deverá ser hospitalizado. Custaria tão pouco se lembrar de que o doente também tem sentimentos, desejos, opiniões e, acima de tudo, o direito de ser ouvido. (p. 20).

Várias são as estratégias e motivos para a negação da morte. Poucas são as respostas, muitas são as perguntas. A humanidade de uma forma ou de outra convive com o medo da morte, seja natural ou adquirido ao longo da vida. Esse sentimento gera um complexo variado de emoções e que nem sempre aparecem na vida do indivíduo. Dessa forma, quem morre é o outro.

De acordo com Hennezel e Leloup (1999), no limiar da morte, os dois grandes medos que as pessoas sentem são o da dor física não só antes de morrer, como também no momento da morte, e o da solidão e do abandono. Mas é natural que junto com esses dois grandes medos apareçam outros medos e questões sem respostas. “Morrer é perder tudo isso e, para alguns, o que deixam de poder viver é muito mais temível do que a própria morte” (p. 61).

Ao longo da vida o homem experimenta dores, por vezes, dores bem definidas, dores físicas, que se intensificam ou se abrandam e logo se procura um paliativo ou uma solução para elas. Mas, existe aquela dor para a qual não há remédio para o alívio imediato. Trata-se da dor psíquica que muitas vezes pode ser também geradora de dor física, criando uma dinâmica incompreensível para quem a vivencia e não a elabora. A dor psíquica é movida por sentimentos de tristeza, de medo, de abandono, de fragilidade e insegurança. Para se dissipar, necessita ser dita, vivida, sentida, refletida, elaborada. Nunca negada. (Hennezel e Leloup, op. cit.)

Considerando que o indivíduo é a síntese entre a finitude e a infinitude, o desespero surge quando um desses fatores assume o predomínio sobre o outro. O conhecimento orientado pela fantasia se perde em bons propósitos e resoluções totalmente distantes tanto do mundo real com do indivíduo real. (Giles, 1989)

O indivíduo pode perder-se na fantasia e ainda levar uma vida normal, pelo menos aparentemente. O desespero da finitude se revela na estreiteza de espírito. Na opinião de Giles (1989), o Indivíduo torna-se conformista e perde a sua individualidade por medo de convenções: “reprime o lado impulsivo da sua natureza, em vez de utiliza-lo e canalizá-lo” (p.

15). Porém, esse desespero passa muitas vezes despercebido, pois o indivíduo se entrega às normas e idéias do mundo material, conseguindo êxito sem ter auto-conhecimento.

Neste sentido, o desespero do finito é tal que, com ele, um homem pode levar perfeitamente uma vida temporal, material e humana em aparência, conseguindo a valorização pelo outro e todos os bens terrestres sendo que Giles (1989) expõe da seguinte forma:

(...) o século, com é costume dizer-se, não se compõe, afinal, de pessoas desta espécie, isto é, devotadas às coisas do mundo, pessoas que sabem usar os seus talentos acumulando dinheiro, hábeis em prever o desenrolar dos acontecimentos etc.? O seu nome talvez passe à História, mas terão sido na verdade elas próprias? Não, responde Kierkegaard, porque espiritualmente não tiveram um “eu” pelo qual tudo arriscassem. (p. 15)

Giles (1989) ainda esclarece que o desespero inconsciente pode ocorrer por que a maioria dos homens não tem coragem para enfrentar a verdade como um bem supremo e deixando de confrontar a realidade, permanece nas ilusões. Quando o homem é realmente infeliz, mas se imagina feliz, ele considera como inimigo qualquer um que tente destruir essa ilusão.

O desespero inconsciente da fraqueza encontra-se também no homem que realmente procura a eternidade, mas que não acredita realmente que irá encontrá-la, pelo próprio fato de esse desespero ser mais intenso, paradoxalmente a saída pode estar mais próxima, pois nesse caso a ferida da reflexão penetra fundo demais e, por isso, não pode ser dissimulada por evasivas. Entretanto, o perigo dessa forma de fraqueza consiste no fato de ela produzir uma personalidade introvertida. (Giles, op. cit.)

Seja ou não o medo da morte um medo universal e com diferentes prismas, é um sentimento que o homem não consegue suportar. Consciente ou inconscientemente a idéia da morte é afastada, sendo substituída pela idéia de negação da morte. Isso significa, segundo Viorst (1986) que o indivíduo continua a viver, negando a própria finitude, não permitindo o confronto com a ansiedade provocada por visões dessa última separação.

Viorst (1986) levanta diversos questionamentos sobre a certeza da finitude e questiona como seria possível suportar a certeza de que o homem é finito. Questiona também a necessidade que o homem tem em substituir o medo da morte por outras ansiedades. A negação da morte talvez facilite a vida em um mundo violento, sem se perceber a probabilidade da morte.

Viorst (1986) acredita que a conscientização da mortalidade pode enriquecer o amor pela vida sem fazer da morte – a própria morte – algo aceitável. Existem muitas outras

respostas, mas, para os que acham a morte inaceitável, qualquer justificativa é também inaceitável.

Estes vêem a morte através de uma visão fatalista, outros através de uma visão deturpada, rejeitando a opinião dos cientistas, afirmam que a morte não é natural, mas uma doença que finalmente terá cura. Talvez por isso, procuram artifícios para evitar a morte física para não confrontar seu terror pela morte. (Viorst, 1986, p. 315)

Apesar da religião ser um dos esforços culturais altamente organizados para triunfar sobre a morte, para transcende-la, o indivíduo continua tentando superar a morte, em vão. Kastenbau e Ainsenberg (1983) esclarecem que a procriação pode ser vista como a transcendência da morte, pois os pais “continuam a viver” em sua progênie. Com o intuito de transcender a morte, mesmo utilizando a raiva e suborno, com uma grande dose de genuíno valor social ou assumindo formas tolas e triviais, o empenho em assegurar a imortalidade individual ou social deve certamente ser interpretado como resposta ao prospecto da morte.

Medo, tristeza, superação e participação foram selecionados por Kastenbau e Ainsenberg (1983) como quatro dos mais importantes padrões de comportamento adotados pelo homem em sua tentativa de relacionar-se com a morte.

Os que gostam de fazer listas não terão dificuldades em acrescentar outras respostas. Não vemos vantagem aqui em compilar um catálogo. Provavelmente um catálogo abrangente seria virtualmente idêntico a uma descrição do registro completo de atitudes e comportamentos de nossa espécie. Selecione qualquer punhado de “mecanismos de defesa” do catálogo tradicional – a maioria destas manobras, ou todas elas não poderiam ser realizadas como meios de relacionar o eu com a morte?(p.108)

A possibilidade de morte remete à idéia de perda trazendo dor psíquica de tristeza, de solidão, de medo e insegurança. Ficam impedidas as trocas afetivas que eram prazerosas. Referente a dor psíquica na vivência da experiência com a morte Kubler-Ross (2000) afirma que possui cinco estágios.

O primeiro estágio é a negação da morte e isolamento. São defesas temporárias à dor psíquica frente à morte. Em geral, a negação e o isolamento não persistem e sua intensidade vai depender de como as pessoas ao redor são capazes de acolher a dor daquele que sofre. O segundo estágio se apresenta através da raiva. Kubler-Ross (*ibdem*) esclarece que “na impossibilidade de manter o primeiro estágio de negação, ele é substituído por sentimentos de raiva, revolta, inveja e de ressentimento”. (p. 55)

Nessa fase, os relacionamentos tornam-se conflitivos, todo o ambiente é atingido pela revolta de quem sofre. A dor psíquica pela necessidade de enfrentamento da morte aparece em atitudes agressivas. É importante nesse momento haver compreensão da dificuldade que representa ter interrompido as atividades de vida pela doença ou pela morte.

Com o terceiro estágio vem a barganha. A maioria das barganhas é feita com Deus e mantida em segredo. Por exemplo, “promessa de uma vida dedicada à igreja em troca de maior tempo de vida. A barganha, na realidade, é uma tentativa de adiamento”. (Kubler-Ross, 2000 p. 87)

A depressão é a característica do quarto estágio. Kubler-Ross (2000) considera que quando a debilidade física já é evidente e o paciente já não consegue negar sua condição, quando já expressou sua raiva e revolta, quando percebe que não resolve fazer barganhas, surge então um sentimento de grande perda. É o sofrimento psíquico de quem percebe a realidade como ela realmente se apresenta, com todas as perdas e dificuldades inerentes aos momentos de separação.

E finalmente, no quinto estágio, acontece a aceitação, quando se consegue alcançar este estágio em paz e com dignidade, significa que o processo até a morte poderá ser experimentado em clima de compreensão e colaboração entre o paciente e os que cuidam dele. (Kubler-Ross, 2000)

O paciente já não se debate em desespero, não nega sua realidade, não negocia com Deus, não sente raiva nem depressão. Sentirá necessidade de dormir com frequência e a intervalos curtos, como um recém-nascido, mas em sentido inverso. O paciente já não tem mais interesses pelo mundo. Estará fazendo seu desligamento. Kubler-Ross (2000) ainda acrescenta que a dor psíquica é inerente à experiência com a morte, mas a sua intensidade e a sua resolução vão depender, de como a pessoa experimenta a vida.

1.5 O conceito de morte na perspectiva da criança e do adolescente

“... morrer. Mas não sem antes ter vivido. Mas não sem antes ter amado”. Jean-Yves Leloup

A criança é muito mais saudável que o adulto em sua relação com a morte, através de referências frequentes e muito claras. De acordo com o pensamento de alguns pesquisadores como Kübler-Ross (1969), Edgar Morin (1997), Nagy (1959), desde muito pequenas as

crianças têm noções sobre a morte como experiência vivida. A fantasia de que a criança não assimila ou não se mobiliza com a realidade da morte é ilusória e não passa de negação ou minimização dessa realidade por parte dos adultos. Evitar falar sobre morte com a criança, prática comum atualmente, é extremamente prejudicial a ela, pois ela percebe as coisas, mas ainda se sente confusa em suas percepções e não tem com quem confirmá-las. Estes pesquisadores estudaram o pensamento e a reação das crianças frente à morte e constataram alguns "padrões" de comportamento e pensamento infantil relacionados a este tema.

Até os três anos a morte é vista pela criança como uma separação ou ausência provisória; ela empresta propriedades de vida a objetos inanimados; sente saudades e pena diante da morte, no entanto esta é vista como reversível, ou seja, como sono. (Kübler-Ross, 1969).

De acordo com Morin (1997), aos dois anos a criança começa a ter uma vaga idéia do tempo e por isso da finitude da vida, mas não considera a morte como um fato irreversível, procura a pessoa desaparecida, experimenta uma sensação de perda e até aproximadamente cinco anos de idade, a criança continua a considerar a morte como reversível, imaginando que a pessoa que morreu possa regressar da sua mais ou menos longa "viagem". Aos cinco anos a noção de morte é ainda confusa, porque a fronteira entre o desejo e a realidade não é clara (Morin, 1997). A criança passa a considerar a imobilidade dos mortos e ainda associa a morte à velhice. Percebe-se aqui uma aparente ignorância sobre a morte, e ainda uma aceitação da vida na morte. (Kübler-Ross, 1969)

No decorrer dos seis anos surge uma nova consciência da morte, e reações afetivas nítidas diante desta. Nesta idade é grande também o temor da morte dos pais, e começa-se a traçar um paralelo entre doença e morte. A capacidade de julgar, compreender e avaliar causa e efeito surgem aos sete anos, juntamente com a personificação da morte. Morte se iguala a intervenção externa; grande preocupação com caixões. (Kübler-Ross, 1969)

Já Morin (1997) relata que entre os seis e sete anos, a criança atinge um maior desenvolvimento cognitivo e, por outro lado, vivendo um estado conflituoso com a família, começa a sentir medo e angústia da morte, embora não pense na sua própria morte.

Segundo Pettle e Britten (1995, *apud* Morin, 1997, p. 152), as crianças com menos de cinco anos sabem que a morte existe, mas não atingem a sua finalidade, podendo perguntar quando é que a pessoa morta volta á vida. Entre os cinco e os 10 anos, vão gradualmente dando-se conta da irreversibilidade e universalidade da morte.

Aos oito anos surge a idéia de morte como "evento irreversível, sem envolvimento pessoal e não universal" (Kübler-Ross, 1969, p. 8), aceitando-a como coisa natural e

irreversível, mesmo a sua própria morte. Morin (1997) considera que nessa fase, a criança começa a interrogar-se sobre as razões por que se morre. No período da última infância, entre os nove e os 12 anos, aproximadamente, já percebe que a morte é comum a todos os seres vivos, “tratando-se de um estágio terminal e irreversível”. (p. 152)

Ao chegar à (pré) adolescência, mais se acentua o caráter inexorável da morte, que não se isenta a ninguém mesmo o próprio jovem que pensa também nessa possibilidade a seu respeito, sobretudo vendo outros colegas falecer. Os jovens começam a pensar na hipótese da vida além da morte, podendo ser tentados pelo ocultismo, reencarnacionismo, espiritismo e outras teorias exóticas, conforme Kastenbau e Aisenberg (1983, *apud* Morin, 1997, p. 152).

Nagy (1959, *apud* Nunes, Carraro e Jou, 1998) também identifica a relação dos componentes irreversibilidade, não-funcionalidade e universalidade com o conceito de morte. Ela constata a existência de três etapas: na primeira (até cinco anos) não há noção de morte definitiva, sendo esta compreendida como separação ou sonho e como um evento gradual e temporário. Na segunda etapa (cinco a nove anos), há uma forte tendência a personificar a morte, que é percebida como "alguém" que vem para levar as pessoas. É compreendida como irreversível, porém evitável, e também, como algo que acontece a todos e sobretudo a ela mesma. Somente na terceira etapa (nove a 10 anos), a criança reconhece a morte como cessação das atividades do corpo e como inevitável.

Reforçando o conceito de personificação, Kübler-Ross (1969, *apud* Nunes, Carraro e Jou, 1998), afirma que crianças consideram a morte como um homem ou um lobisomem que vem para levar as pessoas. A morte em si está ligada a uma ação má, a um acontecimento medonho, a algo que clama por recompensa ou castigo.

A ambigüidades no pensamento e na linguagem dos adultos podem confundir a criança pequena quando procura entender a morte. Sobre isto, Kastenbau e Aisenberg (1983) esclarece que tais ambigüidades servem, ao mesmo tempo, para introduzir o uso de símbolos. A morte tem mais de um significado, o contexto é importante. “Difícil é compreender como centro ‘morto’, ‘morrendo por um cigarro’, campanha ‘abortada’, ‘silêncio mortal’ podem ter idéias diferentes de ‘morte’”. (p. 17) À medida que amadurece, a criança será progressivamente mais versátil em sua aplicação do conceito de morte.

Kastenbau e Aisenberg (1983) acreditam ser importante, para melhor compreensão do desenvolvimento humano (incluindo, mas não se limitando às concepções de morte) que alguns investigadores encarem muito seriamente a possibilidade de processos significativos estarem em operação desde cedo.

Consideram como indicadores a percepção da própria finitude sem nunca antes ter experienciado. As percepções de morte antecipam as concepções de morte, exemplificando que a criança procura ativamente experiências de ir-e-vir, aparece-e-desaparecer. Mais tarde (ainda na infância), ela é capaz de permanecer um pouco desligada do que observa. Percebendo a morte e seus atributos na situação. Mais tarde ainda (talvez depois da primeira infância), desenvolve um tipo de estruturas cognitivas às quais comumente se aplica o termo “concepções”. (Kastenbau e Aisenberg, 1983 p.19)

Ainda citando Kastenbau e Aisenberg (1983), muita experiência e comportamento relativos à morte têm lugar durante a infância e os primeiros anos da meninice, podendo confirmar alguns dos aspectos principais do ponto de vista da criança sobre a morte foram, de fato descobertos através das seguintes observações:

1. *Quando alguém de seu relacionamento morreu, a criança pode temer que outros também a deixem pela morte. Medo crescente da separação e perguntas sobre o destino dos que se foram podem ser esperados como respostas típicas à morte (mesmo no caso da pessoa morta não ter sido bem conhecida pela criança).*
2. *Brincar de morte pode assumir uma importante função de recusa para a criança pequena. Rochlin descreve, por exemplo, como um menino de quatro anos reagiu, em seu brinquedo, ao impacto de duas mortes reais (do avô e de um amigo de seu pai). “Seu brinquedo dava ênfase a bonecos que ficavam doentes sem que nada mais lhes acontecesse. Aviões caíam sem danos para o passageiro. Operações das amídalas, queimaduras, ou água fervente na banheira, nenhum prejuízo causavam. Ele se recusava a falar de assassinatos. Era, dizia, ele, muito triste”. Evidentemente, este menino procurava dominar ou neutralizar a morte por meio destas manobras lúdicas.*
3. *Em geral, as observações de Rochlin o levaram à conclusão de que, “muito cedo na vida, faculdades mentais bem desenvolvidas estão em operação para defender a criança da conscientização de que a vida pode acabar. Observa-se, desse modo, um elaborado sistema de defesas psicológicas”. (p.26)*

A elaboração, por parte das crianças, do conceito de morte, tendo como foco o seu significado e suas implicações psicológicas tem sido bastante estudada nas últimas décadas. Bruner (1990, *apud* Nunes, Carraro e Jou, 1998) por sua vez, ressalta o papel da psicologia

popular⁴ na elaboração dos conceitos. O contexto social colocaria à disposição da criança conteúdos que poderiam auxiliar na compreensão do novo.

Speece e Brent (1984, *apud* Nunes, Carraro e Jou, 1998), identificaram três componentes básicos que caracterizam o conceito de morte desenvolvido pela criança: irreversibilidade, não-funcionalidade e universalidade. A irreversibilidade refere-se ao entendimento de que uma coisa com vida, quando morre, não pode voltar a viver. Este termo está relacionado também à idéia da morte como algo final, irrevogável e permanente. Por outro lado, essa visão interfere na concepção que algumas crianças têm de que existe vida espiritual. Embora, compreendendo a irreversibilidade da morte, a pessoa morta continuaria vivendo espiritualmente.

Considerando o desenvolvimento infantil, as crianças entendem a irreversibilidade da morte apenas no estágio operatório concreto. A criança precisa desta lógica para lidar com a idéia da morte como algo permanente e irreversível. Outros dois conceitos que parecem fundamentais para o desenvolvimento do conceito de morte são a não-funcionalidade e a universalidade. A não-funcionalidade diz respeito à compreensão de que as funções vitais cessam na morte, enquanto a universalidade tem a ver com a compreensão de que todas as coisas vivas morrem, ou seja, de que a morte é um evento inevitável. (Speece e Brent, *op. cit.*)

Estes pesquisadores verificaram que, antes do aparecimento da reversibilidade, as crianças podem conceber a morte como temporária e reversível, como uma viagem ou sonho e que pode ser solucionada com por exemplo, uma mágica. Antes da não-funcionalidade, a criança separa aspectos cognitivos de funcionais; ela atribui às pessoas mortas mais funcionalidade cognitiva do que outros tipos de funcionalidade. Por exemplo, muitas crianças, mesmo sabendo que as pessoas mortas não podem se mexer, acreditam que elas continuam pensando e sentindo. Os autores também verificaram que as crianças que não atingem a universalidade acreditam que existem certas qualidades que podem evitar a morte, tais como esperteza e sorte. Elas aceitam que outras pessoas podem morrer, mas que isto pode não acontecer com elas ou com algum membro do seu grupo social.

Segundo Nunes, Carraro e Jou (1998) os conceitos de irreversibilidade, não-funcionalidade, universalidade e personificação estão relacionados com o nível de desenvolvimento cognitivo. Em geral, a maioria das crianças têm o conceito de morte entre os cinco e sete anos, visto que é nesta idade que fazem a transição do pensamento pré-operacional para o operacional concreto. Entretanto devemos considerar a particularidade de

⁴ Este termo corresponde a expressão *folk psychology* que é traduzida neste trabalho como psicologia popular e refere-se ao conhecimento popular que as pessoas têm sobre o comportamento do ser humano.

cada criança e principalmente a cultura que pode exercer grande influência na formação do conceito de morte. Cada cultura gera a sua própria psicologia popular, e esta seria o instrumento que iniciaria as crianças na compreensão de seu mundo social.

A maneira de abordar o tema de morte às crianças, deve estar de acordo com o nível de compreensão delas. O adulto, em geral, não só adota a atitude de negar a explicação sobre a morte, como também tenta, muitas vezes, afastá-la magicamente. Com este procedimento, procura minimizar o significado que a morte pode ter como uma força ativa no desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança (Torres, 1980, *apud* Nunes, Carraro e Jou, 1998).

3. METODOLOGIA

3.1. Aspectos básicos da Pesquisa Qualitativa

A Pesquisa Qualitativa procura entender o significado daquilo que é pesquisado, indo além de dados técnicos e numéricos, olhando a fundo os problemas e encontrar soluções favoráveis a eles. Enquanto estudos quantitativos geralmente procuram seguir com rigor um plano previamente estabelecido (baseado em hipóteses claramente indicadas e variáveis que são objeto de definição operacional), a pesquisa qualitativa costuma ser direcionada, ao longo de seu desenvolvimento, além disso, não busca enumerar ou medir eventos e, geralmente, não emprega instrumental estatístico para análise dos dados; seu foco de interesse é amplo e parte de uma perspectiva diferenciada da adotada pelos métodos quantitativos. Dela faz parte a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo. Nas pesquisas qualitativas, é freqüente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir daí, situe sua interpretação dos fenômenos estudados. (Neves, 1996)

Segundo González (2000), o conteúdo apresentado pelos entrevistados diante de situações pouco estruturadas, são informações qualitativamente diferentes das fornecidas através de pesquisa estruturada com questões fechadas.

Na pesquisa qualitativa, o pesquisador, além de ser um sujeito participante, converte-se em sujeito intelectual ativo durante o curso da pesquisa. Não só participa nas relações, mas produz idéias à medida que surgem elementos no cenário da pesquisa.

O contexto interativo e o tecido relacional da pesquisa determinam o valor da qualidade da informação, o qual só se pode conseguir como envolvimento e a motivação dos sujeitos estudados. A pesquisa, a partir dessa perspectiva, deixa de ter uma rota crítica fixada e se converte em processo interativo que segue altos e baixos e as irregularidades de toda relação humana. (Gonzalez, *ibidem*)

3.2.Procedimentos Metodológicos

3.2.1. Escolha dos sujeitos

Foram escolhidos quatro sujeitos, sendo dois do sexo feminino e dois do sexo masculino. A idade foi escolhida de acordo com as fases da vida do homem, sendo uma criança de nove anos do sexo masculino, um adolescente de 16 anos do sexo feminino, um adulto de 29 anos do sexo masculino e um idoso de 72 anos do sexo feminino, sendo possível, dessa forma, fazer uma comparação entre as diferentes faixas etárias no que diz respeito à percepção de morte.

Foi escolhida uma criança entre oito e 10 anos considerando que segundo os estudiosos citados neste trabalho, no período da última infância, a criança já possui uma percepção mais elaborada a respeito da morte, sendo vista como inerente a todos os seres vivos e identificada como um estágio terminal irreversível.

Os sujeitos entrevistados foram escolhidos dentre os membros do ciclo de conhecidos da pesquisadora, sendo a criança sobrinha de uma amiga, a adolescente se prontificou para participar da pesquisa quando sua amiga, vizinha da pesquisadora, recusou responder algumas perguntas. O adulto foi escolhido dentre os amigos mais próximos da pesquisadora e o idoso foi por indicação de uma amiga da pesquisadora.

A pesquisadora se deparou com dificuldades para encontrar uma criança que pudesse participar da pesquisa. As mães das duas primeiras crianças convidadas não aceitaram que seus filhos participassem, alegando que o conteúdo da pesquisa era bastante complexo para a idade deles que, nestes casos, ambos tinham oito anos.

É interessante mencionar que, ao ser explicado aos indivíduos convidados a participarem deste trabalho, qual seria o tema debatido, muitos se mostravam angustiados e outros declaravam ter medo de conversar sobre o assunto.

Todos os sujeitos, após serem informados sobre os objetivos da pesquisa, assinaram um documento, no qual eles autorizavam a utilização de seus relatos como dados da pesquisa, a serem analisados e discutidos, desde que suas identidades não fossem reveladas. No caso da criança, foi a mãe quem assinou o termo de autorização.

3.2.2. Coleta dos dados através de entrevistas semi-estruturadas

Considerando que a presente monografia escolheu trabalhar com a entrevista semi-estruturada, o primeiro passo para a coleta de dados foi a elaboração do instrumento que constitui de um roteiro composto por 27 questões elaboradas com o objetivo de investigar a percepção de cada sujeito sobre a morte e o pós morte e como esta percepção pode influenciar no seu objetivo de vida. A elaboração destas perguntas foi inspirada nas constatações teóricas e empíricas dos autores citados na revisão bibliográfica a respeito do conceito de morte.

Considerando que esse tipo de pesquisa se apóia no envolvimento e no compromisso crescente de quem participa dela, é importante que o tema seja significativo para os participantes, caso contrário, é pouco provável que se produza o tipo de informação adequado (González, 2000). Dessa forma, o roteiro elaborado teve o objetivo de orientar a pesquisadora no decorrer da entrevista. A pesquisadora não se prendeu às questões sugeridas pelo roteiro, sendo considerado principalmente o conteúdo das respostas do sujeito com base para construção de novas perguntas. Neste caso, as questões pré-estabelecidas serviram de orientação, impedindo que a pesquisadora se afastasse de seus objetivos.

Todas as entrevistas foram realizadas na casa dos respectivos sujeitos, tendo uma duração média de uma hora, sendo efetivadas em datas e horários diferentes.

Gonzalez (2000, p.86) considera que:

(...) a pesquisa gera diálogos formais e informais, entre o pesquisador e os participantes. A trama de diálogos no curso da pesquisa adquire uma organização própria, em que os participantes se convertem em sujeitos ativos que não só respondem às perguntas formuladas pelo pesquisador, mas constroem suas próprias perguntas e reflexões. Essa posição ativa lhes permite expressar sua experiência e compartilhar reflexões muitas vezes inauguradas ali.

Com autorização prévia dos sujeitos as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para fins de análise do conteúdo.

3.2.3. Análise do conteúdo das entrevistas

Após a aplicação das entrevistas, as mesmas foram analisadas de acordo com o modelo de Bardin (1999), obedecendo as seguintes regras:

- Exaustividade – a classificação do discurso em diferentes unidades deve esgotar a totalidade do conteúdo dos relatos verbais de cada sujeito;

- Homogeneidade – os temas devem referir-se à verbalização com significados semelhantes e serem obtidos por técnicas iguais
- Pertinência – os dados coletados precisam adaptar-se ao conteúdo e objetivo da pesquisa
- Exclusividade – um elemento ou tema não deve ser incluído em mais de uma categoria.

O primeiro contato com os documentos se constitui no que Bardin chama de “leitura flutuante”. É a leitura em que surgem hipóteses ou questões norteadoras, em função de teorias conhecidas. (Bardin, 1979)

Com a leitura flutuante, surgiram primeiras hipóteses relacionadas aos objetivos do trabalho e após esta etapa o conteúdo das verbalizações foi sendo organizado e agrupado pela semelhança que existia entre seus significados implícitos ou explícitos. Esta foi a segunda etapa, que é a exploração do material. Nesta etapa os dados brutos foram transformados de forma organizada e “agregados em unidades, as quais permitem uma descrição das características pertinentes do conteúdo”. (Holsti, apud Bardin, 1979, p.104)

Em seguida, os dados colhidos foram separados em função da unidade de registro. A unidade de registro na presente pesquisa foi o tema ou frase significativa apresentada pelo sujeito. Nesta terceira etapa, foram escolhidos os temas originados das questões norteadoras da pesquisa e do conteúdo dos relatos dos sujeitos. Na quarta e última etapa os vários temas foram agrupados em diferentes categorias.

2. RESULTADOS

2.1 Sujeito 1 – Criança

Idade: nove anos

Sexo: masculino

Religião: católica

2.1.1. Categoria 1 – Projetos de vida

Esta categoria refere-se ao planejamento que o sujeito faz para sua própria vida, incluindo sonhos e desejos para um futuro próximo ou longínquo.

Síntese dos temas abordados nesta categoria relacionados às verbalizações

1- Ter uma profissão, ajudar as pessoas e ganhar dinheiro.

S. tem como objetivo de vida ter uma profissão e com isso obter bens materiais acredita que estes bens possam trazer algumas realizações. Além do objetivo ligado ao bem estar, status e bens materiais, S. apresenta um objetivo de vida humanitário, no qual espera ter possibilidade de ajudar o próximo através de sua profissão.

Verbalizações:

- “Eu quero ser médico quando crescer, mas quero também ser jogador de futebol”
- “Assim... eu gosto de jogar bola. E..., eu acho que to pretendendo também ser um jogador de futebol, também... um atleta.”
- “Se eu conseguir ser um jogador aí eu vou falar... ah meu Deus!, eu realizei meu sonho! Daí eu choro de emoção”
- “Ah! Vou ter dinheiro, comprar uma Ferrari, aprender jogar bola... poso ensinar...assim... tipo fazer uma escolinha... pra meninos... daí ensinar eles a serem um jogador de futebol.”

- “Assim, eu queria ser um médico para ajudar as pessoas idosas assim... que ta doente... e que ta doente há mais de anos, há mais de meses. Para poder ajudar elas”

2- Viver sempre jovem, sem envelhecer.

S. percebe que está constantemente envelhecendo e tem um certo receio quanto à velhice, considerando que com o passar do tempo o homem pode ficar cada vez mais decadente.

Verbalizações:

- “Se pudesse eu queria viver uns 1000, 2000 anos, 3000 anos... a vida toda... mas só novinho. Viver muito mas não envelhecer.”
- “(...) é isso que eu queria ser, tipo a tia, eu queria que ela ficasse assim aí quando eu crescer eu queria ficar assim ateeee...!”
- “Eu quero ficar jovem, jovem, jovem... ficar normal, poder correr rápido, se fosse assim, eu queria que os velhinhos ficassem assim... correr esperto, corresse normal ou de vagarzinho.”
- “Quando eu vejo um velhinho eu queria que ele ficasse mais novo, fosse imortal”

3- Viver fazendo o bem na terra e depois ir para o céu

O sujeito acredita que o homem tem um propósito na terra e que após cumprir este propósito bem, tendo amigos e sendo bom, Deus poderá dar o presente de viver muito.

- “Se eu viver mais de 106 anos já era meu sonho já. Eu ia morrer com Deus”
- “A pessoa deveria morrer com uns 10 anos, no máximo... no máximo uns 103, 104, 105... no máximo uns 106 anos porque ela ajudou todo mundo e Deus ajudou ela, a pessoa, aí quando ela chegar lá no céu, ela vive no paraíso.

2.1.2. Categoria 2 – Percepção de morte

Esta categoria refere-se a ideiação do sujeito referente a pós-morte, considerando sua religião, filosofia ou crença apresentada.

Síntese dos temas abordados nesta categoria relacionados às verbalizações

1- Percepção que existe uma continuidade após a morte.

S. acredita que após a morte o homem irá encontrar com Deus e viver no paraíso, do contrário, se foi uma pessoa não merecedora do paraíso, irá para o inferno. Idealiza o paraíso como um local perfeito, agradável e o inferno o oposto.

Verbalizações:

- “Depois que ela morre... hum... ela vai para o paraíso, para o céu, ficar com Deus, com Jesus.”
- “Não sei como é lá...mas imagino assim... tudo branco assim... lá você é livre, nada de tiro, nada de briga, nada de nada. Eu acho que é assim, deve ser assim mesmo”
- “eu acho que eu inventava uma coisa lá, sem briga, sem maconha, sem nada... sem nada ... só paz, alegria, amor, amizade.
- “Quando a gente morre, a gente vai para o céu. As pessoas assim... más, Deus não perdoa elas. Elas vão direto... as pessoas que passam a vida inteira xingado Deus não perdoa ela e ela não fica lá no paraíso. Fica lá (inferno) sem ver os amigos, lá em baixo. Fica lá em baixo, fica traumatizado lá em baixo, todo mundo fica sem falar com ela...”
- “Tenho saudades da vó, mas ela deve tá cuidando de mim lá no céu.”

2- A morte como geradora de solidão e esquecimento.

Percebe que após a morte, é inevitável o esquecimento, tanto para quem fica quanto para quem morre. Só não ocorre o esquecimento quando se tem um relacionamento forte entre as pessoas.

Verbalizações:

- “... assim... tenho uma pessoa muito amiga minha, ela morre e eu fico sozinho... porque eu gostava muito dela. Morreu... fiquei sozinho... depois de muito tempo vai até esquecer”
- “Depois que passa um tempo que a gente morreu, as outras pessoas vão esquecer da gente”
- “Assim, se gostar muito dela, nunca vai esquecer, vai ficar acordado, dia e noite, pensando nela em cãs, no trabalho, na escola... pensando assim...”
- “...mas aí esquece rapidinho. Quando morre chora, fica triste e com o tempo conforma, sabe que vai encontrar com ela lá no céu, que ela ta cuidando de você...”
- “Tadinha dela... queria ser médico para ajudar tanto ela, para ajudar tanto ela, pra sair de lá o mais rápido possível, ter a paz dela porque eu fico preocupado, mesmo que eu não conheço eu fico preocupado.”

- “Eu fiquei muito triste lá, quase chorei mas fiquei forte porque ela vai viver no paraíso..”
- “Eu queria chorar porque ela era muito legal assim... e tenho saudades dela.”

2.2 Sujeito 2 – Adolescente

Idade: 16 anos

Sexo: feminino

Religião: Católica

2.2.1. Categoria 1 – Projetos de vida

Esta categoria refere-se ao planejamento que o sujeito faz para sua própria vida, incluindo sonhos e desejos para um futuro próximo ou longínquo.

Síntese dos temas abordados nesta categoria relacionados às verbalizações

1- Trabalhar é necessário, mas com prazer.

S. acredita que é necessário ter um trabalho e responsabilidade, mas acima de tudo, é necessário gostar do que se faz.

Verbalizações:

- “Eu acho que tem que estudar mesmo, trabalhar claro que na área porque fazer o que não gosta não compensa”.
- “Pretendo não só trabalhar por trabalhar, mas também porque dá prazer. Claro que isso vai depender da minha necessidade. Hoje eu não preciso trabalhar e penso assim.”
- “Pra atingir meu objetivo eu tenho que estudar muito e é isso que eu faço... pra passar no vestibular... fazer meu curso de relações internacionais...”
- Eu queria ter mais tempo pra fazer isso tudo...curtir, pra viajar, passear e poder fazer mais isso por que minha mãe não deixa e porque eu estudo então acaba não dando muito tempo.”

2- Viver a velhice para aproveitar o que conseguiu adquirir no decorrer da vida.

S. não vê benefícios em viver muito mas dependendo de outro para ajudar até mesmo em atividades diárias. A velhice só será boa se for um tempo para desfrutar daquilo que foi sendo realizado no decorrer da vida, como a família, estabilidade financeira etc.

Verbalizações:

- Sei lá, talvez uns 100 anos, não vejo uma idade ideal, talvez depois de realizar meus sonhos, curtir esses sonhos, resolver meus problemas aqui. Aí sim, depois de tudo vivido talvez seria realmente a hora de descansar.
- Sei lá cara, não consigo ver eu envelhecer, não sei se é porque sou nova ainda então eu vejo que talvez meu trabalho... seu retorno ter uma família. Talvez a velhice seja mais para isso, para curtir a vida, curtir o que você conseguiu fazer durante toda a sua vida.

2.2.2. Categoria 2 – Percepção da morte

Esta categoria refere-se à percepção que o sujeito tem da morte e sua esquivança quanto à percepção da morte com fato inerente à vida.

Síntese dos temas abordados nesta categoria relacionados às verbalizações

1- A morte como passagem para outra vida

Apesar do sujeito ter sido educada nos princípios cristãos, acredita na reencarnação, de forma não embasada. Mesmo acreditando em uma suposta continuidade da vida. S. teme a morte por não saber o que espera por ela.

Verbalizações:

- “Eu acho que as pessoas têm medo por não acreditar que tenha uma continuidade e acredita que vai acabar ali, ou mesmo por não saber o que vai acontecer depois.”
- “Eu acredito que alguma coisa vai continuar, mas talvez seja por isso que algumas pessoas têm medo da morte”
- “Eu... tenho medo. Assim... saber que vai acabar. Mas para o outro lado, eu tento acreditar que pode ter uma continuidade, né?”
- “... eu tenho medo da morte e de morrer mesmo é ficar sofrendo antes de morrer, então eu acho melhor morrer de repente, sem sofrer, sem sentir dor.”
- “Eu perdi uma amiga que suicidou. Assim... eu fiquei muito assustada e com muito medo. Ela já tinha tentado antes e mesmo fazendo tratamento com psicólogo e psiquiatra, de repente ela deu um tiro na cabeça.”
- “Nossa, eu não imagino eu em uma cama!... Como eu falei antes, eu queria que a morte fosse sem dor, sem sofrer tanto porque eu imagino aquela garota do Rio que levou um tiro quando estava na faculdade. Ela era bonita, magrinha, estudava e agora ela tá realmente desfigurada, um monstro em cima de uma cama. Nossa! Isso deve ser horrível, eu acho melhor morrer a ficar daquele jeito. Primeiro porque ela ficou feia,

não é ela que está ali, e outra coisa, é meio assustador saber que pode acontecer comigo também, realmente tenho muito medo”.

2- Percepção que sua vida é finita e que o pós morte seja realmente uma nova vida.

Apesar do sujeito ter sido educada nos princípios cristãos, apresenta um certo conflito quanto sua percepção de pós-morte. Acredita também que não faz sentido na vida se não existir uma continuidade coerente para o que é feito em vida e para ela nada mais coerente que a reencarnação. Acredita que a morte é apenas uma passagem para uma nova vida, não existindo, portanto, uma pós-morte.

Verbalizações:

- “Bom, eu acho que a morte é passagem mesmo, apenas uma passagem da vida”.
- “Sei lá, eu acho que é o fim mesmo na terra que apesar de ter uma criação católica eu tenho um pouco de conflito, eu acho que não acaba aqui. Não tem como ralar, ralar, ralar para depois acabar simplesmente”.
- “... tem que ter uma continuidade e eu acho que pode ter uma continuidade aqui na terra mesmo, mas sempre como uma forma de evolução, talvez mesmo nessa vida.
- “Pois é... eu acho que tem uma continuidade que seria a morte uma passagem que você tá ali para descansar e voltar para viver outra vida novamente. Porque senão não valeria a pena viver, trabalhar, ter família se tudo vai acabar”.

3- Dificuldade em falar sobre a morte

S. relata que realmente percebe uma dificuldade em falar sobre a morte. Conversa sobre a morte, mas quando tem alguma notícia sendo divulgada ou quando de um falecimento de alguém próximo, mas a questão da própria morte, nunca foi falada.

Verbalizações:

- “Nunca conversei sobre a morte com meus amigos, é claro que a gente troca umas idéias quando tem alguma notícia como guerra, violência e tal...”
- “Engraçado, lá em casa também, nós nunca conversamos sobre a minha morte (risos). É mais sobre alguma coisa que aconteceu, morte de parentes, amigos... aí sim.”

4- A morte como geradora de solidão e sofrimento

Para o sujeito, é inevitável o esquecimento de uma pessoa após a sua morte, provavelmente pelo conformismo de que com a morte acabou o vínculo que tinha.

Verbalizações:

- “Ah, sei não, eu acho que a minha família iria sentir muita falta, mas acho que é quase natural. Como uma pessoa se distancia de você, não hora é ruim, você sofre mas chega uma hora que você acaba esquecendo aquela pessoa e aí talvez assim pode até lembrar mas a saudade não estaria mais tão forte como logo após a morte. Parece que a gente se conforma e deixa pro isso mesmo.
- “Dá uma sensação ruim quando você pensa que você esquece e a outra pessoa pode te esquecer também.”
- “Mesmo com a reencarnação você não vai lembrar da vida passada, não via encontrar com outra pessoa e ‘Ah!, eu te conheço, você já foi meu vizinho na vida passada!’. Não vai ter isso, então assim, talvez não tenha tristeza porque a gente vai esquecer de tudo, então pode ter saudade mas acho que a gente vai acabar esquecendo das pessoas que ficaram.

5- Dificuldade de enfrentar a morte do outro.

S. relata que possui um grande incômodo quando tem que ir a um velório ou fazer uma visita a um enfermo.

Verbalização:

- “Eu acho triste, não gosto de velório não, não me sinto bem. Não me sinto bem mesmo!”
- “É, não sei... me incomoda muito, não sei falar. É ruim ter que visitar um doente. Eu acho que é por causa da tristeza que fica nas outras pessoas e com o doente eu posso lembrar de outras pessoas que já morreram e que já sofreram também alguma coisa assim.”
- “Pra min é muito estranho quando vou visitar alguém doente, nem que seja uma doença curável, o tratamento é diferente, parece que realmente a pessoa tá em um processo pra morrer, mas não tá”.

2.3 Sujeito 3 – Adulto

Idade: 29 anos

Sexo: masculino

Religião: Presbiteriana

2.3.1. Categoria 1 – Projetos de vida

Esta categoria refere-se ao planejamento que o sujeito faz para sua própria vida, incluindo sonhos e desejos para um futuro próximo ou longínquo.

Síntese dos temas abordados nesta categoria relacionados às verbalizações

1- Percepção que seu desenvolvimento é vinculado à velhice.

O sujeito acredita que sua vida vai ser longa e tem consciência que a velhice e suas características físicas são inevitáveis, porém, acredita ainda que seu espírito jovem irá continuar.

Verbalizações:

- “Na verdade eu não me vejo envelhecer, a minha mente... claro, o meu corpo tá envelhecendo, tá mudando, tá havendo mudanças, porém a minha mente continua a mesma de quando eu era criança, claro, a gente muda alguns gostoso, algumas preferências mas assim... no básico a gente não sente que tá envelhecendo.”
- “Eu não sei, eu acho que é muito pessoal. Percebo que meu corpo envelheceu, pode chegar a ficar caquético, debilitado, não conseguindo andar, enrugado... tudo bem, os aspectos físicos são bem visíveis mas com a minha percepção que tenho hoje, eu acho que eu vou me ver sempre como um jovem.”
- “Eu com 29 anos não vejo muita diferença de quando eu tinha 10 anos de idade, então é como se o envelhecimento fosse uma coisa sem importância, eu não ligo muito pra isso.”

2.3.2. Categoria 2 – Percepção da morte.

Esta categoria refere-se à percepção que o sujeito tem da morte e percepção da morte com fato inerente à vida.

Síntese dos temas abordados nesta categoria relacionados às verbalizações

1- A morte como um fato inevitável

S. apresenta um discurso bastante racional onde relata que a vida possui um ponto final e que provavelmente a existência pode acabar ali. Dessa forma, acha melhor se precaver.

Verbalizações:

- “Pela vida ter um ponto final, eu acho que eu sou um pouco mais precavido... bem eu acho que não é só por causa disso.”
- “Eu sei que um dia vou morrer e... bem, começou lá nos objetivos, se você pensa em constituir família, cuidar dos filhos, claro que você já tem que se precaver desde jovem.”
- “...depende da situação eu desejaria a morte, chegou o meu fim... vou morrer.”

2- Dúvida quanto a existência da vida após a morte.

S. foi educado na religião presbiteriana e mesmo acreditando nos ensinamentos da sua igreja, procura uma explicação plausível para a morte e, como não encontra, tende a acreditar que a existência acaba com a morte.

Verbalizações:

- “ É uma parte assim... que tenho grande conflito ainda. (risos) Às vezes eu acho que morte é o final de tudo. Fim. Pronto. Acabou. Outras vezes, assim, aqueles valores que eu aprendi quando criança falam mais alto.”
- “Eu acho que é o início de uma outra etapa da terra, do além. Assim, é complicado.”
- “Às vezes eu penso mais para o lado ateu outras vezes eu penso assim. Não, é isso realmente, existe tudo aquilo que me ensinaram. É um conflito que eu tenho que não tá resolvido.”
- “Olha, o conflito é o seguinte: Eu aprendi, fui educado na religião e como eu te disse que tem um Deus, que tem isso... aquilo e que tem que seguir aqueles passos para a salvação. Só que depois de adulto, quando eu passei a ter um ser crítico mais apurado eu comecei a questionar esses valores.”
- “Assim, no fundo no fundo, é difícil você provar a existência disso daí (pós-morte), então às vezes eu chego a pensar que tudo isso é besteira, não estie, por não ter uma prova concreta.”
- “Eu acho que morri, morri... tudo que fiz aqui... acaba com a morte.”
- “Se houver, eu acho que ela deveria ser difícil como a vida em vida mesmo. Mesmo porque ela sendo muito certinha ela seria meio sem graça.”
- “Minha religião prega que você via morrer, via para o céu e tr uma vida maravilhosa ao lado de Deus, mas não diz mais nada, vai ser tudo surpresa.”
- “Mas pensando bem, poderia ser uma continuidade d vida, tendo escolhas... não é aquela coisa chata assim, deve ser algo mias dinâmico.”

2.4 Sujeito 4 – Idoso

Idade: 72 anos

Sexo: feminino

Religião: Católica

2.4.1. Categoria 1 – Projetos de vida

Esta categoria refere-se ao planejamento que o sujeito faz para sua própria vida, incluindo sonhos e desejos para um futuro próximo ou longínquo.

Síntese dos temas abordados nesta categoria relacionados às verbalizações

1- A importância de se ter um projeto de vida

S. acredita que quando nova tinha vários projetos que acreditava ser possível alcançar, mas com a idade sabe que nem tudo pode ser conseguido e o que vale mesmo é tentar fazer porque o tempo passa muito rápido.

Verbalizações:

- “... então o que aconteceu, quando eu percebi e dei conta eu já tava velha e algumas coisas que eu gostaria de fazer... não era mais possível.”
- “Eu vejo aí... muitas pessoas que tem uma saúde precária por anos e anos e acaba morrendo apenas por falta de cuidado quando era mais jovem”.
- “Eu sabia que o que tava fazendo era o certo e que um dia, se Deus quisesse, eu ia ter o retorno de todas aquelas noites que eu passava costurando”.

2.4.2. Categoria 2 – Percepção da morte

Esta categoria refere-se à percepção que o sujeito tem da morte e percepção da morte com fato inerente à vida.

Síntese dos temas abordados nesta categoria relacionados às verbalizações

1- A vida sendo considerada finita e a morte como um fato inerente à vida.

S relata que com sua experiência de vida acredita que a morte está próxima, mas considerando o tempo já vivido e não o ainda a viver. Não pensa em morrer agora pois acredita que ainda tem muita coisa a fazer.

Verbalizações:

- “É engraçado, quando tinha meus 20 anos, viver 20 anos era muita coisa e demora a passar, hoje que tenho meus 72 anos, 20 anos passam muito rápido.”
- “Não gosto de falar sobre morte, nem de pensar, porque sei que tenho mais tempo vivido do que a viver.”
- “Como sei que vou morrer mesmo, procuro fazer tudo que é bom. A melhor coisa que tem é o clube da terceira idade, que me ensina a aproveitar o resto do tempo que tenho.”
- “Eu preocupo com minha saúde e agradeço a Deus todo dia por mais um dia de vida, com saúde e podendo trabalhar.”

2- A escolha pela negação da morte

S. reluta em falar sobre sua própria morte, apesar de ter consciência dela, procura viver a vida, acreditando que somente procurando não lembrar da morte é que pode ser feliz.

Verbalizações:

- Ah! Tenho tanta coisa boa pra fazer, vou ficar lembrando que vou morrer?!
- “Faço hidroginástica, participo do coral da igreja, participo da pastoral da família e assim o meu tempo é muito corrido, não tenho tempo pra pensar em besteira porque você pode ver, o velho quando para acaba ficando corcunda, cheio de doença... Cuido de mim pra eu não ficar parada”
- “Tem horas que me dá um aperto no coração, uma saudade do que passou, daí eu vou pra igreja cuidar da minha pastoral que logo logo a tristeza vai embora.”

3- Após a morte, haverá uma nova vida.

S. acredita nos ensinamentos da sua religião e que os mesmos respondem seus questionamentos, apesar de relatar algumas dúvidas sobre o que poderá encontrar após a morte.

Verbalizações:

- “Eu acredito que nós estamos o tempo todo sendo avaliados pelo nosso Pai e que tudo que a gente faz aqui tá sendo registrado na nossa cadernetinha pra quando a gente chegar lá (no céu) a gente prestar conta com Deus.”
- “Eu lembro que um dia ensinei para o meu filho que toda vez que ele fosse comungar ele pedisse a Deus que te curasse. Um dia, eu sei que foi ingenuidade dele, disse que Deus era ruim porque nunca atendeu seu pedido. Claro que ele não sabia o que tava falando e agora entende os desígnios de Deus.” (seu filho faleceu)

- “Quando a gente pensa nas pessoas queridas que a gente perdeu, um filho, um pai, uma mãe, dá um pouco de revolta, por que tem que morrer? E nós, como ficamos? Mas acredito que Deus prepara uma coisa muito boa depois da morte. Será lindo e muito alegre o paraíso.”(choro)
- “A morte não é só a morte, morreu acabou. Para o corpo sim, voltará ao pó mas a alma terá vida eterna”

4- A morte como geradora de tristeza e saudade

S. relata que no decorrer de sua vida perdeu várias pessoas próximas, mas nada é pior que a perda de um filho e o sentimento de perda traz dor e vazio.

Verbalizações:

- “Já perdi minha mãe, meu pai quando eu ainda era nova, não tinha nem 30 anos. Casei muito cedo e fui muito feliz, mas perdi meu marido também... é... eu tinha 52 anos quando ele morreu... foi muito ruim... mas nada foi pior que perder meu F.”
- “Naquele dia eu não me sentia, não sentia fome ou calor. Lembro que tava com uma blusa de frio, mas não sentia vontade de tirar. Só tinha vontade de chorar”.
- “Faz 6 anos que ele (filho) morreu e eu sinto ele ainda aqui, mas ele não tá...” (choro)
- “Sei que ele tá bem, juntinho de Deus, mas queria que ele estivesse aqui comigo, do jeitinho que ele tava mesmo, eu cuidava dele pra sempre”.
- “Por isso que eu não gosto de pensar na morte, a morte só traz tristeza, dor e saudade”.

3. DISCUSSÃO

De acordo com a análise qualitativa dos dados coletados, pode-se observar que o Sujeito 1, uma criança de nove anos, tem seu projeto de vida calcado nos bens materiais e acreditando que estes bens irão trazer alguma realização pessoal. Mesmo considerando a idade do sujeito, verbaliza a sua valorização da felicidade material, citada por Hennezel e Leloup (1999) onde o fazer e o ter cada vez mais desencadeia uma busca a uma felicidade material identificada através da cultura da necessidade de consumismo. Através da verbalização do sujeito, não se identifica que a necessidade de “ter” esteja ligada à negação da morte, como citada por Hennezel e Leloup (1999) quando dizem que o ser humano sente a morte como uma inimiga ou adversária e tenta, a todo custo, vencê-la. Esta necessidade de ter caracteriza mais com as fantasias e ideações características da infância.

Nagy (1959) identifica a relação do componente de irreversibilidade, e criança pesquisada percebe a morte como cessão das atividades corporais e um fato irreversível e para evitar a morte verbaliza a necessidade de fazer com que as pessoas idosas vivam mais e com melhor qualidade de vida, não se pode morrer ou mesmo envelhecer. Se a morte é inevitável e está ligada à velhice, a negação da morte apresentada pela criança fica bem clara quando diz que gostaria de ajudar o outro para que fique sempre novo e espera ter possibilidade de ajudar o próximo através de sua profissão na área médica. Apesar de perceber que está constantemente envelhecendo, tem um certo receio quanto à velhice, considerando que com o passar do tempo o homem pode ficar cada vez mais decadente. Verbaliza que seria muito bom que o tempo parasse em uma certa idade, evitando assim a velhice, a decadência.

Speece e Brent (1984) verificaram que as crianças a universalidade acreditam que existem certas qualidades que podem evitar a morte como esperteza e sorte e já no sujeito um, a forma de evitar a morte seria a juventude eterna.

O sujeito um acredita que o homem tem um propósito na terra e que após cumprir este propósito bem, tendo amigos e sendo bom, Deus poderá dar o presente de viver muito. Quanto a percepção de pós-morte, acredita que o homem irá encontrar com Deus e viver no paraíso, do contrário, sendo uma pessoa não merecedora do paraíso, irá para o inferno.

Idealiza o paraíso como um local perfeito e bastante real, parecido com sua vida atual mas sem drogas ou violência e o inferno também seria parecido com a sua vida atual mas com bastante violência e sofrimento.

Acredita que após a morte, é inevitável o esquecimento, tanto para quem fica quanto para quem morre. Só não ocorre o esquecimento quando se tem um relacionamento forte entre as pessoas. S. sente-se triste quando sabe que tem alguma pessoa sofrendo, doente e mesmo em situação de sepultamento, independente de ser alguém próximo dele. Esta situação é considerada por Hennezel e Leloup (1999) como o medo da solidão, do abandono que pode acompanhar a percepção da morte. Kubler-Ross (2000) completa ainda que este medo é também causado porque com a morte ficam impedidas as trocas afetivas que eram prazerosas.

O sujeito 2, com 16 anos acredita que haverá uma continuidade em sua vida, não tendo motivo para ter medo da morte. Apesar do sujeito ter sido educada nos princípios cristãos, acredita na reencarnação reafirmando Kastenbau e Aisenberg (1983) quando dizem que os jovens começam a pensar na hipótese da vida além da morte, podendo ser tentados pelo ocultismo, reencarnação, espiritismo e outras teorias exóticas. Mesmo acreditando em uma suposta continuidade da vida a adolescente pesquisada teme a morte por não saber o que espera por ela.

Penha (2001) faz um paralelo da morte com o fim de um caminho que ao final do itinerário o homem ainda existe, permanece vivo e tem consciência de haver concluído algo, mas com a morte, o homem já não existe mais e assim, não há um trajeto propriamente dito que possa afirmar ter concluído e acaba se defrontando com o desconhecido.

Percepção que sua vida é finita e que o pós-morte seja realmente uma nova vida e apresenta um certo conflito quanto sua percepção de pós-morte. Acredita também que não faz sentido na vida se não existir uma continuidade coerente para o que é feito em vida e para ela nada mais coerente que a reencarnação. Acredita que a morte é apenas uma passagem para uma nova vida, não existindo, portanto, uma pós-morte.

O sujeito 2 relata que realmente percebe uma dificuldade em falar sobre a morte. Conversa sobre a morte, mas quando tem alguma notícia sendo divulgada ou quando de um falecimento de alguém próximo, mas a questão da própria morte, nunca foi falada. A morte é considerada para o sujeito 2 como impessoal, a dificuldade em falar na morte é só quando o tema é sua própria morte. Sendo explicado por Maranhão (1998) quando considera que a negação de morte se dá por diversas maneiras, dentre elas consiste em considerá-la como algo impessoal, que atinge a todos, porém a ninguém em particular.

Ainda segundo Maranhão (op. cit.) o pensamento da morte não corresponde à imagem da própria morte, a imagem da própria morte escapa à capacidade de representação do indivíduo. Sempre que o homem tenta se ver como morto não consegue eliminar o “eu” que acaba como espectador.

Para o sujeito 2, é inevitável o esquecimento de uma pessoa após a sua morte, provavelmente pelo conformismo de que com a morte acabou o vínculo que tinha. A adolescente relata que possui um grande incômodo quando tem que ir a um velório ou fazer uma visita a um enfermo.

O sujeito 3, com 29 anos apresenta um discurso bastante racional onde relata que a vida possui um ponto final e que provavelmente a existência pode acabar com a morte, mas a idéia de morte não traz angústia.

O sujeito adulto estudado apresentou uma percepção que também é defendida por Heidegger, (*apud* Penha, 2001) quando este último diz que a morte é o temo final para os planos do homem. É na morte como possibilidade final da existência, como fim para o qual o Dasein se dirige, que o homem se totaliza.

Mesmo considerando que o sujeito 3 foi educado na religião presbiteriana e acreditando nos ensinamentos da sua igreja, procura uma explicação plausível para a morte e, como não encontra, tende a acreditar que a existência acaba com a morte. O conflito apresentado pelo sujeito, sua percepção de pós-morte é exemplificada através de misto de relatos céticos e religiosos.

O sujeito 3 acredita que sua vida vai ser longa e tem consciência que a velhice e suas características físicas são inevitáveis, porém, acredita ainda que seu espírito jovem irá continuar. Segundo Viorst (1986) o indivíduo continua a viver, negando a própria finitude, não permitindo o confronto com a ansiedade provocada pela percepção da própria morte.

Já o sujeito 4, com 72 anos relata que com sua experiência de vida, acredita que a morte está próxima, mas considerando o tempo já vivido e não o ainda a viver. Não pensa em morrer agora pois acredita que ainda tem muito o que fazer.

O comportamento da senhora idosa estudada é bem definido por Giles (1989) quando diz que considerando que o indivíduo é a síntese entre a finitude e a infinitude, o desespero surge quando um desses fatores assume o predomínio sobre o outro. O conhecimento orientado pela fantasia se perde em bons propósitos e resoluções totalmente distantes tanto do mundo real como do indivíduo real.

A negação da morte está presente em todo o discurso do sujeito 4. Reluta em falar sobre sua própria morte, apesar de ter consciência dela, procura viver a vida, acreditando que

somente procurando não lembrar da morte é que pode ser feliz. Acredita que quando nova tinha vários projetos que acreditava ser possível alcançar, mas com a idade sabe que nem tudo pode ser conseguido e o que vale mesmo é tentar fazer porque o tempo passa muito rápido.

Na opinião de Giles (1989) o indivíduo torna-se conformista e pede a sua individualidade por medo de convenções e esse desespero passa muitas vezes despercebido, pois o indivíduo se entrega às normas e idéias do mundo material, conseguindo êxito sem ter autoconhecimento.

O sujeito 4 acredita nos ensinamentos da sua religião e que os mesmos respondem seus questionamentos, apesar de relatar algumas dúvidas sobre o que poderá encontrar após a morte. Seus questionamentos são pertinentes à perda. Relata que no decorrer de sua vida perdeu várias pessoas próximas, mas nada é pior que a perda de um filho e o sentimento de perda traz dor e vazio. Apesar da religião ser um dos esforços culturais altamente organizados para triunfar sobre a morte, para transcende-la, o indivíduo continua tentando superar a morte, em vão, diz Kastenbau e Aisenberg. (1983)

CONCLUSÃO

Através do trabalho em questão, a autora confirmou que a percepção de sua própria finitude leva o ser humano a um estado de angústia e medo diante do “nada” e do desconhecido. Apesar de ser claro e notório para todos os entrevistados que a morte é um fato inevitável e inerente à vida, foi explícito o receio e a grande resistência em aceitá-lo ou simplesmente falar sobre este assunto.

Foi possível confirmar a constatação teórica, comentada na revisão bibliográfica, de que a morte é um aspecto sombrio e degradante da condição humana, e que por conta da angústia gerada pela sua consciência as pessoas, em geral, independente da sua faixa etária, procuram negar esta realidade.

1. A criança e o adolescente revelaram mais dificuldade e maior resistência em aceitar a morte como um algo inevitável e inerente à vida, embora acreditem em uma continuidade da vida após a morte. A criança vê a vida depois da morte como uma vida tão real e concreta como esta, só que bem melhor e a adolescente acredita que a vida continua através de outra encarnação que pode ser melhor ou não.
2. O fato da criança e do adolescente terem tantos sonhos e projeto e idealizarem tanto suas vidas, faz com que a morte emergja na consciência como um empecilho ou uma interrupção frustrante de suas realizações, dificultando a aceitação da morte como algo inevitável e inerente à vida.
3. A maior facilidade do adulto e do idoso em encarar a morte como parte do destino de todo ser vivo pode estar relacionada com um certo nível de realização existencial já conseguido ao longo da vida, através de suas conquistas profissionais, familiares e espirituais.
4. A certeza de que existe outra vida após a morte esteve presente em todos os sujeitos em exceção do sujeito adulto que, apesar da educação religiosa que teve, tem dúvidas quanto à vida após a morte e ainda espera uma justificativa mais clara sobre os ensinamentos transmitidos pela sua religião.

5. A crença na existência de uma vida melhor depois da morte, ao mesmo tempo que minimiza o sofrimento diminui também a importância da reflexão sobre a existência humana, ficando prejudicada a qualidade da percepção de vida do homem.
6. A percepção da morte como algo terrível que gera intensa dor para quem permanece vivo, foi um elemento comum nos relatos dos quatro sujeitos.
7. A morte do outro é vista como fato e em todos os relatos os sujeitos transmitiram uma conformidade com a pós-morte, acreditando que terá algo bom para quem morre no pós-morte, exceto para o adulto que continua procurando uma explicação racional para o pós morte e por isso, tende a acreditar que a existência termina com a morte.

REFEÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIRES, P. *História da morte no ocidente: da idade média aos nossos dias*. Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. Clássicos de Ouro Ilustrados.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979, citado por FERREIRA, B. W., *Análise de Conteúdo*. Revista Aletheia Nº 11, Jan./jun. 2000.
- BRUNER, J. (1990). *Culture and human development: A new look*. *Human Development*, 33-, 344-355, citado por NUNES, Deise Cardoso, CARRARO, Luciane, JOU, Graciela Inchausti de et al. *As crianças e o conceito de morte*. *Psicol. Reflex. Crit.*, 1998, vol.11, no.3.
- DASTUR, F. *A morte: Ensaio sobre a finitude*. Ed. Rio de Janeiro: Difel, 2002.
- ELIADE, M. *Aspectos do Mito*. Ed. Lisboa: Edições 70, 1986/2000.
- FERREIRA, B. W., *Análise de Conteúdo*. Revista Aletheia Nº 11, Jan./jun. 2000.
- HENNEZEL, M., LELOUP, J. *A arte de morrer: tradições religiosas e espiritualidade humanista diante da morte na atualidade*, tradução de Guilherme João de Feitas Teixeira. 4ª. Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.
- GILES, T R. *História do Existencialismo e da Fenomenologia*. São Paulo: — EPU, 1989. 315 p. Coleção Primeiros Passos, 150.
- GONZALEZ REY, F. L., *Pesquisa Qualitativa em Psicologia: Caminhos e Desafios*. Tradução de Marcel Aristides Ferrada Silva, revisão técnica por Fernando Luis González Rey. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- KASTENBAU, R, AISENBERG, R. *Psicologia da Morte*. Tradução de Adelaide Petters Lessa. Ed. concisa. São Paulo: Pioneira, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1983. 445 p. Coleção Novos Umbrais.
- KÜBLER-ROSS, E. *Estágio final da evolução*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 1975.
- _____. (1969). *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo: Martins Fontes, citado por NUNES, D. C., CARRARO, L., JOU, G. I. de et al. *As crianças e o conceito de morte*. *Psicol. Reflex. Crit.*, 1998, vol.11, no.3,
- _____. *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes*. Tradução de Paulo Menezes. 8ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MARANHÃO, J. L. S. *O que é morte*. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1998. 77 p. Coleção Primeiros Passos, 150.

- MARTINS, J, BICUDO, M. A. V., *A Pesquisa Qualitativa em Psicologia: Fundamentos e Recursos Básicos*. Ed. São Paulo: Moraes, 1978.
- MORIN, E. *O homem e a Morte*. Ed. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- NEVES, J. L. *Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades*. Caderno de Pesquisa em Administração, 2º Sem/1996. São Paulo, V.1, Nº 3.
- PENHA, J. *O que é existencialismo*. 1ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001. Coleção primeiros passos; 61.
- SPEECE, M. & BRENT, S. (1984). *Children's understanding of death: A review of three components of a death concept*. Child Development, 55, 1671-1686 citado por NUNES, D. C., CARRARO, L., JOU, G. I. de et al. *As crianças e o conceito de morte*. Psicol. Reflex. Crit., 1998, vol.11, no.3.
- TORRES, R. (1980). *O tema da morte na psicologia infantil: Uma revisão da literatura*. Arquivos Brasileiros de Psicologia, 32, (2), 59-71, citado por NUNES, D. C., CARRARO, L., JOU, G. I. de et al. *As crianças e o conceito de morte*. Psicol. Reflex. Crit., 1998, vol.11, no.3.
- VIORST, Judith. *Perdas Necessárias*. Tradução Aulyde Soares Rodrigues. 26ª. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1986.

APÊNDICE I

1. Fazendo uma reflexão sobre sua vida, como você a vê?
2. Você acredita que seus objetivos de vida, no âmbito profissional e familiar estão sendo alcançados?
3. Você se conforma com a vida que tem ou gostaria de mudar alguma coisa?
4. O que você faz que é prazeroso e o que faz por obrigação?
5. Imagine uma situação onde você fosse imortal, como você viveria?
6. Para você, o que é morrer?
7. Quais são os princípios que sua religião prega sobre a pós-morte?
8. O que você pensa sobre a pós-morte?
9. Você acredita que vai continuar sua existência após a morte?
10. Qual seria a idade ideal para morrer? Por que?
11. Quais seriam as vantagens em viver mais de 100 anos?
12. Como é envelhecer para você? Você tem medo?
13. Na sua percepção, por que algumas pessoas têm medo da morte?
14. Você tem medo de morrer? Por que?
15. Como você imagina ser a morte e como seria sua pós-morte?
16. Você conversa ou já conversou sobre a morte?

17. Sendo a morte um fato, como você a considera? (castigo, presente, solução de problemas)
18. Como é para você, acompanhar um sepultamento?
19. A morte pode ser considerada um fato inerente à vida?
20. Como é para você acompanhar um enfermo?
21. Você já perdeu alguém próximo, que gostasse muito? (pessoa ou animal)
22. Como você fica com o falecimento de alguém próximo?
23. Poderemos ficar gravemente doente, durante muito tempo, antes de morrer, como é isso para você?
24. Poderemos ainda sofrer uma fatalidade e morrer de repente, como é isso para você?
25. Você já pensou em sua morte como um fato inerente à vida?
26. Como você imagina que as pessoas próximas de você (pais, filhos, amigos) ficariam após a sua morte?
27. Ainda na percepção de morte, como é para você, deixar as pessoas que você ama?

APÉNDICE II

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, abaixo assinado, autorizo a estudante Celene Vasconcelos Melo a utilizar em sua monografia o conteúdo das entrevistas gravadas, que a ela concedi, desde que não seja revelada a minha identidade.

Brasília, 10 de junho de 2004.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, abaixo assinado, autorizo a estudante Celene Vasconcelos Melo a utilizar em sua monografia o conteúdo das entrevistas gravadas, que o meu filho de nove anos a ela concedeu, desde que não seja revelada a sua identidade.

Brasília, 10 de junho de 2004.
